

DOENÇA E CURA

Fabian Balbinot

Para Michelle Pfeiffer

OCASO

*Baseado nas mais clássicas entre as
estórias de terror.*

*"Sim, eu sou dor
Sou apenas dor
Velha e cara dor
Você precisa de sua dor."*

Alice Cooper

O rapaz seguia pela estrada, os pneus do velho *sedan* guinchando no asfalto mais negro do que o céu da madrugada. Trocou para uma marcha mais rápida e girou o volante, escutando as pedras soltas pelo caminho que batiam nos ferros e canos do escapamento, ricocheteando como uma saraivada de balas, debaixo do veículo.

Onde tinha vindo se meter?

Em qualquer lugar, imaginou. Nunca tivera destino certo, e onde quer que fosse parar, acabava caindo de pé, como caem os gatos, sempre preparado e atento, porque a vida o ensinara a ser assim.

Tivera mil oportunidades. Jogara fora outras mil, e por mil vezes escolhera um entre mil possíveis caminhos. Não era ele uma daquelas pessoas que costumam se arrepender com o que fez ou deixou de fazer. Havia sido mestrado, durante toda uma vida de percalços, pela experiência e pela fria razão. A depender de si mesmo, quando alguém mais percebesse, as coisas já estariam feitas, as riquezas conquistadas, as desgraças perpetradas, na primeira chance, porque ele não media as conseqüências, e na maioria das vezes não seria ele que iria permanecer nas cercanias para sofrer, ou comemorar, os efeitos de tais conseqüências. Para ele, nada significavam os gritos, e de nada valiam as comemorações.

Como agora, em decorrência de acontecimentos que por certo já tinham desencadeado um desfecho que jamais se poderia prever, seguia ele, sempre longe, e além, invariavelmente afastado, tanto das pedras que surravam as carnes ao serem lançadas contra os mártires e bandidos quanto das congratulações que não lhe trariam orgulho algum, e de qualquer outro tipo de malfadada agitação.

O que estava feito, estava feito. Era este o seu lema. A sua resolução.

Coitado, desafortunado, pensaria de si mesmo, enquanto tentava sintonizar o rádio cujo som chiava, contaminado pela doença da estática e da falta de sintonia, originada decerto pela fúria do temporal que se aproximava, com seus relâmpagos em forma de sabres afiados, e seus trovões ribombantes. Coitado, poderia pensar, caso avaliasse o seu destino, descobrindo de súbito que não possuía destino algum. Coitado, por não ser ninguém. Coitado, por ser um estigma... Um reles sobrevivente.

Poderia pensar, e se torturar, mas não pensou, pois raramente pensava em si mesmo. Raramente pensava em alguém. Não sabia mais se lamentar pela aleatoriedade, pela fixação de seu destino. Há tempos não sabia.

Naquele momento de velocidade e curvas, dentro da noite que viria a ser manhã tempestuosa em breve, o rapaz só sabia dirigir.

Desistiu de mexer no *dial* de sintonia do velho rádio AM/FM, tão velho quanto seu carro, e muito mais imprestável que este. Desligou o aparelho, pois a chiadeira intermitente o importunava. Olhou o caminho a frente, o negrume e a distorção das silhuetas das árvores baixas, com suas galhadas sinistras que rasgavam a noite.

Virou os olhos, vendo a lua cheia no canto do espaço. Ali espelhado, o reflexo do sol, recém-nascido no outro lado do mundo, fez com que seus olhos lacrimejassem. Guiara o carro pela noite inteira, fugindo dos acontecimentos, e o cansaço o atormentava, deixando-o levemente embriagado.

Não podia pensar. Devia concentrar-se apenas nas curvas da rodovia, que parecia ter sido há muito abandonada, de tão feia e esburacada que estava, parcialmente iluminada pelo único farol que funcionava no *sedan* caolho.

Desconcentrado, acabou fazendo a marcha errada. Guiar não era uma de suas melhores habilidades, e o motor do veículo rugiu como uma besta moribunda, agonizante, para depois suspirar, com a velocidade de seus muitos ciclos por segundo sendo alterada, mingando.

Como besta fatalmente atingida, vitimada por seu descuidado condutor que pisava e tropeçava nos pedais de embreagem e aceleração, o carro soltou um urro final, e seu motor apagou, submergindo a madrugada no silêncio.

Produzindo sons semelhantes aos de algum tipo novo de pássaro notívago, a chave girou na ignição de forma a romper a calma da noite, enquanto forçava inutilmente o contato da bateria com o mecanismo de partida do motor, procurando, como os paramédicos e seus desfibriladores de alta potência, em situação de emergência total e absoluta, reverter o estado de morte do carro.

O veículo ainda se moveu, empurrado pela inércia, enquanto o rapaz, nervoso, continuou a forçar a chave do carro por mais cinco demoradas vezes, antes de desistir apoiando a cabeça no guidão, sem esperança. Em sua maior parte, os ponteiros do *display* finalmente se acomodaram nas bases de suas respectivas escalas, próximos do zero, inclusive o ponteiro indicativo do combustível. Vapor branco fumegante emergiu do capô, indicando que o carro morria não apenas de fome, como também de sede.

Os pneus pararam de rodar, e o velho *sedan* branco finalmente soltou seu último suspiro.

O rapaz teve vontade de gritar, mas isso não era de seu feitio. Preferiu, então, grunhir algo de ruim e chutar os pedais, transferindo para aquelas peças a culpa pela pane no carro, que parecia se dever tão somente ao seu descaso com as necessidades de água e combustível deste.

Recobrou-se de imediato, como sempre acontecia, pois a vida sempre lhe reservara surpresas, deixando-o acostumado a tomar decisões rápidas em momentos difíceis.

Ergueu a cabeça, e olhou em volta.

Abriu a porta e abandonou o carro, pisando o asfalto negro e pedregoso.

De acordo com o que sabia, calculando a partir do pouco que lembrava dos últimos quilômetros de estrada, encobertos pela penumbra, o jovem julgou que sua única opção seria seguir em frente. No caminho, não havia visto nenhum lugar onde pudesse passar o resto da noite, e tendo em vista o que por certo viria à tona com o raiar do dia na cidadezinha de onde tinha vindo, voltar não era uma boa idéia.

Pôs-se a andar, orientando-se na pista, coberta de pedrinhas e folhas secas, através da luz ainda acesa do único farol funcional do carro. Mais adiante, passou a contar apenas com a luz da lua, e com seus instintos.

Andou por uns dois ou três quilômetros, percebendo como o caminho gradativamente ia se tornando mais inóspito. Saltou os galhos de árvores que estavam esparramados pela pista. A estrada inteira tinha sido coberta por ramos e folhas de árvores, terra e cascalho, provavelmente em virtude dos estragos causados por outras tempestades, tão furiosas como a que ainda estava por vir. Talvez tivesse sido mesmo sorte não ter prosseguido com o carro - muitos dos galhos eram forrados de espinhos, e teriam furado os pneus como se fossem estrepes afiadas, sem nenhuma dúvida, caso este tivesse por ali passado.

Mais adiante, deparou-se com um tronco inteiro, metro e meio de espessura, de uma árvore que caíra, bloqueando a pista. Realmente, era mesmo uma bênção que ele tivesse vindo a pé. Um trator de esteiras talvez não bastasse para remover do caminho tamanho obstáculo, e caso o seu pequeno veículo viesse a atravessar com sucesso toda aquela sucessão de barreiras vegetais, era certo que dali não passaria.

Tendo escalado e sobrepujado o espesso bloco de madeira, o rapaz não pôde deixar de reparar em um certo tipo de estrutura contínua, uma sucessão de barras metálicas, destacada e fulgente na luz dos relâmpagos, que vista de longe lhe pareceu ser uma cerca, à esquerda da estrada. Era, no entanto, difícil ter certeza, pois o mato crescia igual a uma peste em ambos os lados da pista, atrapalhando a visão e mesmo a intuição de quem estava pisando pela primeira vez aquele que dava a impressão de ser o mais lúgubre dos lugares. Melhor seria investigar...

Penetrou como um lobo em meio aos arbustos que transformavam o meio-fio em um matagal espesso, empurrando galhos, pisoteando...

Um raio cai, muito próximo!

... o capim, e criando sua própria trilha, perfurando a mata úmida e negra.

Viu, afinal, barras altas, enfileiradas, auxiliado por um clarão, que levou meio segundo para se dissipar. A chuva viria logo, proclamou um forte trovão, que fez o chão estremecer debaixo de seus pés.

Abrindo outra picada improvisada em meio à relva, no mesmo sentido da anterior, porém fazendo uma curva à direita, o rapaz atingiu a rodovia outra vez, tropeçando nos blocos de asfalto que a vegetação se encarregava de aos poucos destruir. Seguindo a estrada, chutando um que outro graveto que se atravessava em seu caminho, ele notou que, conforme avançava, a cerca de compridas lanças de ferro passava a se sobressair, ofuscando o matagal, que rareava.

Um contorno branco, brilhante, como uma rachadura no firmamento! Outro raio!

Perambulando pela pista, sempre de olho no que estava à sua esquerda, auxiliado pelo *flash* do raio, ele logo identificou uma grande casa velha, de uns dois ou três pavimentos, muito elevada e antiquada.

Interessado, foi em frente pela rodovia, para a seguir...

"A chuva está mais perto", grunhiu o trovão!

... voltar a penetrar o mato, cortando caminho em diagonal outra vez pelo capim, que neste ponto estava bem mais baixo.

Topou com um portão duplo, do tipo que se abre no meio, e que era ainda mais alto do que a cerca. Tal como a cerca, ambas as cancelas do portão eram feitas de barras de ferro com as extremidades superiores pontiagudas em forma de lança, as quais eram mais altas à medida que uma das cancelas se aproximava da outra. Acima do portão propriamente dito via-se um arco metálico de aspecto tenebroso, constituído de umas tantas hastes de ferro pontudas, retorcidas em caracóis e curvas, sustentado por dois pilares, também de ferro, de grande espessura, que também serviam para segurar as duas cancelas gêmeas.

O portão ditava o estilo gótico de construção tanto do casarão, sito mais adiante, como das duas cercas, que, ligadas a ele, seguiam em fila indiana para longe, à esquerda e à direita.

Chegando mais perto, o forasteiro viu que a ferrugem tornava tanto o portão quanto a cerca praticamente imprestáveis. Grandes porções de material carcomido

e estragado se acumulavam rente às bases das pilastras de metal, sufocando ali as gramíneas, que agonizavam, secas, debaixo das pilhas do óxido venenoso.

Outro relâmpago riscou o céu que clareava ao fundo do casarão, destacando-o e envolvendo-o em uma aura de profundo mistério. Nenhuma luz estava acesa na casa, que deixava a impressão de estar tão destruída quanto a cerca. Árvores sem folhas a rodeavam, iluminadas pela conjunção mortífera da auréola lunar e das faíscas do sol do dia vindouro, e de vez em quando pelos relâmpagos distantes.

Com alguma pressa, pois começava a pingar, o rapaz forçou o portão, tratando de se livrar da sujeira ferruginosa que descascava e aderira nas mãos e nas roupas. Mesmo assim, ele não teve muito trabalho, porque a velha corrente que prendia uma cancela à outra, unida em seus extremos por um cadeado rústico, arrebitou assim que ele puxou-a com mais força.

Deixando a corrente suspensa como uma cobra morta entre as barras empoeiradas da cancela à sua direita, ele empurrou a outra, o que fez com que os gonzos reverberassem ríspidos. Depois de muito chiar, finalmente o portão se abria.

Sem se demorar mais, o jovem correu pela trilha que atravessava o que um dia já havia sido um jardim, e que levava diretamente para o grande casarão. A chuva já fazia por merecer a apresentação que tinha sido feita pelos raios e trovões, e passava a fustigar o capim, lançando ao solo uma saraivada de gotas pesadas que lembravam setas. Ventos avassaladores completavam o castigo.

No casarão, a tampa de uma janela, sita em algum ponto do último andar, começou a bater na parede de madeira, jogada de lá para cá pela ventania. Em algum lugar próximo de onde o rapaz estava, alguma coisa caiu, fazendo um barulhão. Parecia que o mundo inteiro se desintegrava.

Correndo como louco, o jovem alcançou afinal a imensa entrada frontal da mansão. Já estava um pouco molhado, e vapores quentes brotavam de sua cabeça e das mãos. Sua roupa protegera bem o resto do corpo, por sorte, e ele tratou de sacudir a cabeça, jogando a água dos cabelos longe, como fazem os cães. Secando as mãos na camisa, quis ele ver direito onde se encontrava.

Deixando de lado detalhes menores, tais como os dois curtos lances de escada que havia galgado sem sequer ter levado em conta, balaústres e corrimãos semi-demolidos, o que podia ver era a espécie de abertura em que estava agora. Um imponente arco, largo tanto quanto alto, feito em pedra e cimentado com algum tipo de argamassa que também parecia ter sido utilizada para moldar as formas anelares e aguçadas que o decoravam, dispostas sem obedecerem nenhum padrão específico, este era iluminado de quando em vez pela sucessão de raios que rabiscava o firmamento. E à sua frente, uma outra porta dupla, igualmente grande, feita de madeira escura e tão esparsamente permeada de entalhes e gravuras quanto eram as paredes, só que as esculturas da superfície das duas portas tinham sido produzidas em escala muito menor.

Um par de vasos-estátuas com o formato de anjos barrocos e prostrados, sem esperança, surgiu-lhe em cada um dos lados da porta, como guardiões de olhos vazios. Surgiram e desapareceram, realçados por mais um rápido lampejo, que também revelou o piso, feito de pequenos paralelepípedos rudimentares, um tanto ou quanto desordenados, castigados pelo decurso do tempo.

Trovões ensurdecedores, como uma seqüência de tiros de canhão, respondiam retumbantes aos estampidos provocados uns pelos outros.

Duas argolas de bater, grandes, pesadas como chumbo e possivelmente constituídas de tal material, foram percebidas pelo jovem, debaixo da luz dos relâmpagos. As argolas estavam sustentadas por círculos pequenos cravados na madeira, cada qual em uma das duas portas.

Sem demora, o rapaz se lançou de encontro à uma das duas argolas, chocando-se contra a porta submersa na penumbra. Tateou um pouco a superfície irregular, esticando seus braços para o alto, até que encontrou a argola, a qual devia funcionar como uma campainha cujo som decerto faria estremecer da base ao topo daquele enorme castelo, levando em conta o seu tamanho e peso descomunais.

Fazendo força, o jovem puxou a argola, que produziu um ronco metálico semelhante ao rosnado de um demônio vindo do mais baixo dos infernos. A aldrava deslizou com rigidez, lenta, atritando-se com sua argola de sustentação, calando os trovões e fazendo os dentes do forasteiro rangerem.

Sem ter tempo para sentir medo, ele forçou a aldrava gigante para baixo, de encontro à porta, ocasionando um rosnado oposto ao que se ouvira antes, mas nem por isso menos impressionante, que foi terminar em um baque estrondoso, grave, ao ter a base da estranha campainha se chocado contra a madeira da porta. A batida ecoou ao longe, o som forte intimidando a tempestade.

O rapaz esperou meio minuto, e como ninguém respondesse seu chamado, ele repetiu o processo, elevando a aldrava e empurrando-a para que se chocasse outra vez contra a porta. Os sons ríspidos de metal se opondo a metal voltaram a ser ouvidos, seguidos por novo baque, e novo ecoar surdo pela noite.

Mas ninguém, nenhum gigante aparecia para atender a porta gigante daquela gigantesca residência.

O jovem sentiu raiva, e sem pensar muito, puxou e empurrou por mais duas vezes consecutivas a aldrava, batendo-a na porta de novo e de novo...

As batidas interromperam a tempestade, que, estrangida, amainou, tornando-se em uma chuva torrencial, soprada pelos ventos cada vez menos intensos.

"Não deve haver ninguém aqui", pensou o jovem, procurando manter o controle.

Sentindo-se um pouco abatido, ele já encarava a chuvarada, imaginando qual seria sua próxima linha de ação, quando ouviu um barulho indistinto, como que um golpe, uma superfície batendo em outra... E o som viera *de dentro* da porta!

- Ei! - virou-se e gritou, batendo na porta com os punhos. - Por favor, abram a porta! Tem alguém em casa?

E parou para escutar, tentando colar o ouvido na madeira pontilhada por sulcos e pregas que arranhavam sua pele.

Após alguns segundos, em que só pôde ouvir a chuva, percebeu um som de engrenagem, parecendo uma chave a girar em uma fechadura... algum tipo de tranca sendo deslocada...

Uma pequenina abertura surgiu em um canto da porta da esquerda, ao alto, rasgando em luz o negrume da tempestuosa alvorada. Em seguida, uma forma escura tomou o lugar da luz, e um olho se posicionou na abertura. O olho passou a espiar com atenção a paisagem que compunha a entrada do casarão, deslocando-se de um lado para outro, até que, segundos depois, deteve-se na figura do surpreso rapaz.

- O que você deseja? - pediu uma voz de homem velho, o olho se tornando injetado, piscando nervosamente - Vá embora! Não queremos nada!

Dando a impressão de ter realmente se irritado, o tal caseiro fechou a portinhola, fazendo seu olhar pouco amistoso desaparecer junto com a luz.

"*Não queremos nada?*", imaginou o forasteiro, franzindo a testa. "*E conhecem vendedores, neste fim de mundo?*"

Sem ter dúvidas, puxou a aldrava da porta, e de novo empurrou-a de volta. O eixo da argola de metal soltou mais um par de silvos agudos, que foram concluídos com uma nova explosão de ferro contra madeira.

A vigia, ao alto da porta, abriu-se outra vez.

- Meu senhor, eu já lhe disse que não queremos nada! - replicou a voz seca e grossa.

- Não, não é isso - disse o rapaz, tentando sorrir enquanto encarava a vigia, sita muitos centímetros acima de sua testa, onde o olho que piscava sem parar estava cercado por parte de uma face tão negra quanto a pupila que o mirava arregalada. Tentou continuar falando, fazendo-se de bom moço, de necessitado, procurando comover a criatura de aspecto grotesco que o observava de dentro da casa - Eu só queria entrar um pouco, porque aqui...

- Você NÃO VAI ENTRAR - interrompeu a voz do caseiro - Não permitimos que *ninguém* entre aqui. Já lhe disse para ir embora!

- COMO é que o senhor quer que eu vá embora debaixo de um temporal desses, hein?- exaltou-se o forasteiro, apontando com uma das mãos o pátio externo, já em parte inundado pelo aguaceiro. A seguir, tornou-se novamente súplice:

- Tudo o que peço é um mínimo de cortesia, enquanto a chuva não passar.

O olho piscou outras tantas vezes, e girou a esmo no interior da portinhola, ora focalizando o inesperado visitante, ora a área que cercava a mansão, assolada pela tempestade que voltava a rugir com sua cólera feita de ventos e de relâmpagos. A instável luminosidade que fustigava a pele em volta do olho do caseiro, criando distorções amareladas e fascinantes no pouco que se podia ver daquela face, parecia estar vindo de uma vela ou lampião, de que este devia estar de posse.

Súbito, a pequena vigia foi fechada novamente.

Barulho vindo do local onde as duas portas se interligavam. Nem mesmo o estrondo ensurdecedor da trovoada foi forte o bastante para encobrir o indisfarçável matraquear de algumas chaves girando, engrenagens impelindo umas às outras, ferrolhos raspando no interior da enorme fechadura.

Uma das duas portas foi lentamente puxada para dentro, e o ronco de suas dobradiças se mesclou à infernal comoção propiciada pela tempestade.

Uma grande mão surgiu, empunhando um lampião antigo, mal conservado, que deixava ver o vidro fragmentado de uma de suas quatro janelas. Também surgiu um rosto, encoberto em parte pela porta, que não foi deslocada para dentro além de algumas dezenas de centímetros.

- Ainda bem - disse o moço, fazendo menção de entrar. - Eu já não agüentava mais ficar aqui, todo molhado como estou. Está ficando frio...

O rosto do caseiro era um rosto de velho, coberto de rugas, a pele murcha, sem carne para sustentá-la. O nariz torto, pontudo e enorme como só os velhos conseguem ter. Os grandes olhos, contudo, ofereciam relampejantes demonstrações de juventude e indomabilidade; hipnóticos e frios, aqueles olhos

transmitiam vida e poder à face devastada, tornando-a tão inexpressiva e dominadora quanto uma máscara.

O rosto, cercado pela escuridão e pela luz bruxuleante do lampião, situava-se em altura idêntica à qual tinha estado antes, quando observara o jovem visitante através da vigia. O rapaz julgou que o dono de tal rosto, mesmo estando quase completamente escondido pela porta, devia ser uma pessoa de porte físico descomunal, levando em conta o tamanho da mão que segurava a lanterna rudimentar. Uma mão com dedos que deixavam a impressão de possuírem a força necessária para esmagarem um crânio com um único aperto, de tão compridos e intumescidos que eram.

- Espere! - rosnou o gigante, com sua voz cavernosa, impedindo o acesso do visitante ao interior da casa. - Como chegou até aqui?

Uma pausa. O ribombo de um trovão sufocado pela distância. Milhares de metros cúbicos de água sendo despejados pelo céu revoltado.

- A estrada está bloqueada... - continuou o caseiro, procurando permanecer escondido atrás da porta e do largo manto escuro que trajava. - Você veio até aqui à pé?

O jovem aquiesceu com a cabeça, lançando um olhar amistoso. - Sim, eu vim pela estrada. Vinha vindo de carro, mas... acho que a gasolina acabou. Então eu resolvi caminhar um pouco, e acabei correndo para cá, para poder escapar da tempestade. Estrada feia, não?

- Por que veio até aqui?

O forasteiro olhou profundamente para o caseiro, que realmente estava mais para uma criatura mítica do que para um ser humano. Viu seus grandes olhos gelados. Os ossos delineando as feições. As mãos fortíssimas. O cérebro que deveria ser do tamanho de um amendoim... - Eu já lhe disse. Vim até aqui por acaso. Começou a chover e eu não consegui encontrar outro lugar onde pudesse me abrigar. - O viajante abriu os braços, em atitude de súplica. - Posso entrar ou não? Vou acabar... pegando um resfriado se permanecer aqui mais tempo.

Os olhos rentes à porta subiram e desceram, vasculhando de cima a baixo a fisionomia do jovem andarilho que ali tinha vindo se meter empurrado pelo acaso. Sua estatura não devia ultrapassar os seus próprios ombros, calculou o caseiro. O rapaz de cabelos estranhamente claros vestia uma dessas calças azuis que os trabalhadores das minas vestiam há tempos atrás, cujo tecido é lavado na pedra, as quais atualmente eram tão populares entre os jovens, além de uma blusa preta, ambos bem mais desbotados do que propriamente molhados. Nos pés, o moço trazia um par daqueles sapatos esportivos modernos, de cor não identificável, e coberto de listras tanto quanto de lama.

Não seria problema algum, pensou o homem com seus grandes olhos inexpressivos, caso tivesse que lidar com aquele viajante perdido. Não, não teria problema algum.

A porta se abriu um pouco mais.

- Venha! - ditou o gigante, fazendo sinal com a mão que estava livre, enquanto a outra levantava o lampião tão alto quanto sua cabeça.

Obedecendo o convite, o rapaz penetrou porta adentro.

Olhou de volta para o ser disforme que permitira seu acesso ao casarão. Devia ter uns dois metros, quem sabe até um pouco mais, pensou o outro, ao passo que procurava em redor por algum tapete ou capacho onde pudesse limpar os tênis enlameados, sem ter nenhum êxito.

Foi-lhe ordenado pelo homenzarrão que permanecesse imóvel junto a uma parede próxima. O rapaz obedeceu, erguendo os braços por alguns instantes, como já tinha feito muitas vezes.

Sua vida nunca fora exatamente um mar de rosas, e ele estava acostumado a ser revistado, e a se entregar, tanto quanto às temporadas em que havia permanecido trancafiado dentro de uma cela. Em nenhuma das algemas que tinham unido seus pulsos, contudo, estivera gravado o seu nome, e ele agora sorria, lembrando das vezes em que havia sido colocado em liberdade logo após a ordem de prisão ter sido efetuada.

"*Você tem um azar tremendo...*", já havia lhe dito alguém. Intrigantes, os crimes hediondos pareciam ocorrer justamente quando o jovem se encontrava nas imediações.

"*Com estes, são mais cinco mulheres e dois homens!*", dissera-lhe em altos brados o agente federal de fisionomia já bem familiar, que há tempos estava encarregado de persegui-lo e vigiá-lo, espreitando-o aonde quer que ele fosse parar. "*Cinco mulheres e dois homens, todos degolados, estripados... todos com meio litro de sangue sobrando no corpo...*"

"*E, em nome de CRISTO, não há evidência alguma, nem marcas, nem nada, e eu continuo sem poder mandá-lo para a cadeia elétrica...*", o policial lamentara-se, quase em tom de chacota, quando ambos tinham se visto pela última vez, na cidadezinha onde o jovem errante havia passado algumas noites na cadeia e outras em uma pensão barata e suja, de propriedade de uma solteirona gorducha de pouca conversa e que não fazia muitas perguntas, ela própria envolvida com o submundo, tendo cá e lá os seus investimentos particulares, por assim dizer.

"*Você tem um azar tremendo... ou tem MUITA sorte.*"

E, como era de hábito, as trancas das algemas tinham sido reabertas, e ele era liberto de mais uma dentre as tantas celas onde já havia sido aprisionado.

Algumas das últimas vítimas eram suas conhecidas. Gente que passava as noites naquela mesma pensão. Dois pulhas, embusteiros, e um par de mulheres de vida fácil, drogadas, destruidoras de lares, chamados fossem como se quisesse chamá-los... Gentalha imprestável, cujo assassinio não lhe causaria comoção alguma.

Não que ele sentisse alguma piedade para com as outras três mulheres, todas com ficha limpa, cidadãos respeitáveis, duas donas de casa com maridos benquistos e mães de adoráveis crias, e uma virginal estudante semi-adolescente, com o mais brilhante dos futuros pela frente. Todas estas três mulheres acima de qualquer suspeita, padrões de conduta a serem observados e propagados pela sociedade. Suas ilustres desconhecidas.

Piedade alguma. Remorso? Para quê?

Os últimos cinco homicídios o tinham transformado no queridinho dos policiais locais, que o convidavam de forma ríspida e arrogante para certos encontros noturnos na delegacia, onde "*festinhas*" privativas se sucediam, regadas à café preto e sem açúcar, luzes intensas, acusações, depoimentos que não esclareciam nada, e negativas de sua parte. As algemas, sempre diferentes, pareciam ser sempre as mesmas, e o jovem nunca sabia do que os policiais estavam falando.

"*Qual quarto você vai querer desta vez?*", perguntara-lhe o carcereiro, um homem gordo e preto, que o chamava de branquelo, em sua quinta *noitada* na

cadeia. "O de sempre", havia lhe respondido o jovem, risonho, ambos acostumados com a frequência das visitas deste ao distrito policial.

Como acontecia sempre, chegara o momento de libertarem-no, durante uma madrugada muito agitada. Os motivos para a soltura eram os mesmos de todas as outras vezes; o excesso de especulações, a falta de reais evidências.

"Na próxima vez que você aparecer aqui..." gracejara o carcereiro gordo e preto, durante sua última despedida, *"aposto o quanto quiser, vai ficar na gaiola por uma temporada bem mais longa."*

"Envie o valor da aposta pelo correio", respondera-lhe rindo o jovem albino, abandonando a cela para nunca mais voltar.

Os outros detentos, cinco miseráveis criaturas, uns pretos, outros simplesmente encardidos, todos incriminados mais pelo preconceito dos membros do júri do que propriamente devido à gravidade de seus crimes, todos esparramados pelas celas remanescentes da delegacia, teciam seus comentários a respeito do misterioso rapazote de cabelo tão branco quanto a neve, que entrava e saía da cadeia como bem queria.

"Parece um iô-iô... vai e volta! Ah, ah, ah!"

"Essa dondoca branca parece ser feita de álibis, isso sim! Com caras desse tipo, os malditos advogados estão todos fodidos."

"Ei, menina! Já está indo embora de novo? Você está muito pálido... Tem que tomar um pouco de sol! Eh, eh, eh!"

"Mais do que você imagina...", pensara ele. *"Mais do que você imagina."*

Havia sido interrogado em duas oportunidades, luz forte, incandescente, queimando por algumas horas as suas têmporas. *"Onde você estava na noite do dia tal?" "O que você estava fazendo no horário tal?" "Você conhecia tal pessoa?"*, entre outras tantas perguntas de rotina.

Os arquivos de que os policiais dispunham diziam: rapaz órfão, de descendência não identificada, (...) sem antecedentes, (...) mudara-se há pouco tempo para o interior para recomeçar a vida após um certo acidente que tirara a vida de seus pais e dos demais familiares. Única seqüela provocada pelo acidente no rapaz fora uma amnésia permanente, em grau aparentemente avançado. (...) Viera acompanhado de um certo amigo, dito companheiro de infância. Este amigo, de uma hora para outra, mudara-se de novo, desta vez para o outro lado do país, e seu paradeiro ainda não havia sido identificado. (...) sem maiores informações sobre os familiares, e sobre o acidente de automóvel seguido de incêndio e explosão que os havia vitimado. Documentos transportados por tais pessoas destruídos no acidente. Nenhum outro parente foi encontrado para efetuar o reconhecimento dos corpos. Dados obtidos com a autópsia dos corpos são insuficientes para que sejam feitas quaisquer afirmações. (...) a placa do carro havia sido removida do local, e seu chassi fora misteriosamente adulterado... etcétera, etcétera e etcétera, e um mar de outros etcéteras. Dados irrelevantes, incompletos ou insuficientes em profusão, todos levando de um beco sem saída para outro.

"Como se chamavam seus pais?"

"Não consigo me lembrar."

"Você tinha algum irmão ou outro parente no carro, naquela noite?"

"Não sei. Não lembro de ter tido irmãos ou irmãs. Não lembro de outros parentes. Nem sei se era noite quando o acidente aconteceu."

"Mas consegue se lembrar do acidente, não consegue?"

"Não... Sei apenas o que meu amigo me contou, e o que vocês vivem me dizendo."

"E como se chama este seu amigo que se mudou?"

"X."

"X do quê?"

"Não sei. Ficamos pouco tempo juntos. Ele disse que me conhecia, mas nunca me contou o seu sobrenome."

Em se levando em conta que, somente na lista telefônica da cidade eram mais de cem pessoas com o primeiro nome "X" catalogadas, de fato o panorama se apresentava bastante obscuro para os policiais. Pistas de um suposto assassino, ou grupo de assassinos? Nenhuma. O fogo destroçara os corpos, se bem que sucessivos exames feitos por diferentes médicos legistas tinham revelado marcas de agressão física e *insinuantes cortes e perfurações*, como se as quatro pessoas no carro tivessem sido atacadas com diversos golpes de algum tipo de lâmina de constituição não metálica... ou como se tivessem sido mutilados pelas garras e presas de *algum tipo de fera selvagem*.

Seria mais fácil para os policiais federais suspeitarem de um urso, tigre ou leão que pudesse, na época do acidente, ter estado à solta, rondando o local, do que de um ato premeditado por um jovem albino de porte físico mediano, delgado, dito por si mesmo portador de uma doença de pele que o impossibilitava de permanecer exposto à luz do sol durante mais do que alguns minutos.

O problema é que não existiam registros de ursos, tigres ou leões, nem de quaisquer outros animais ferozes, não apenas nos arredores, como em todo o estado, e em um intervalo de tempo longo o bastante para excluir qualquer ataque de animal das possíveis causas para o acidente. Nenhum animal havia fugido dos últimos cinco circos que tinham percorrido o estado nos últimos vinte anos, e o parque zoológico mais próximo ficava a não menos de quatrocentos quilômetros de distância, boa parte dessa quilometragem pontilhada por áreas esparsamente habitadas, onde a população não levaria mais do que meia hora para encontrar um pequeno coelho selvagem que fosse, caso este viesse a fugir.

O resultado de toda está quantidade de informações desconstruídas era uma série de palpites infrutíferos, prisões e solturas consecutivas...

"Eu só queria deixar você aqui dentro, filho, pegando sol durante um dia inteiro..."

"Faça isso, e quem vai ter que responder por um crime de verdade vai ser você."

"Seu filho da mãe desgraçado..."

... e uma porção de detetives federais, estaduais e municipais se arrancando os cabelos.

Nenhum resultado prático, pelo que se podia ver.

Mas tudo isso fazia parte do passado. O jovem de cabelos brancos estava cansado de tanta perseguição, e só queria ficar sozinho.

"Qual é a estrada que leva para o fim do mundo?"

"É aquela ali."

"Obrigado."

Enfim. Ele havia chegado ao fim do mundo. E agora, dizia de si para si, seria o que Deus quisesse.

Como foi dito, o jovem albino não era o tipo de pessoa que venha a se arrepende do que fez ou deixou de fazer.

* * *

O gigantesco caseiro, debaixo de seu manto negro, permaneceu fechando cadeados, puxando travas metálicas e girando chaves em um grande número de fechaduras por algum tempo, conferindo pleno isolamento a ele e ao seu visitante daquele restante do mundo que ia sendo continuamente despedaçado pelo aguaceiro que caía do lado de fora do casarão.

Um búfalo, um rinoceronte que fosse, em disparada, não passaria daquela imensa porta dupla, forrada de lacres e trancas, imaginou o rapaz de cabelos brancos, bem curtos, desgrehados pela chuva. Acomodou suas mãos dentro dos bolsos da calça *jeans*, enquanto o caseiro disforme se perdia entre as várias chaves que carregava consigo e vãs tentativas de vigiar aquele visitante.

Esforçando-se para ver com a pouca luz que vinha do lampião que o caseiro segurava, e que balançava sem parar, o jovem procurava captar algum detalhe interessante das grandes muralhas que constituíam o túnel que o cercava. Ao que parecia, a porta dupla, luxuosa, incrementadíssima, que o monstruoso criado acabava de fechar, não passava de um embuste, um exagero, tendo em vista o buraco fedorento e escuro onde tinha vindo parar, depois de ter transposto a exuberante divisória. A maior parte, senão todas as portas deste tipo que ele conhecera invariavelmente estabeleciam ligação direta a luxuosos salões, *halls* requintados, bem daqueles onde há finos candelabros...

- Venha por aqui - disse o caseiro, colocando a pulseira repleta de chaves grandes e pequenas em um bolso escondido no interior de seu manto.

... dispostos pelas mesas, e os lustres pendem como estalactites do teto, e os tapetes são como relva macia, florida e vistosa no chão.

Ali, naquele lugar tétrico, no entanto, a porta grandiosa servia apenas de fachada, ocultando um túnel que lembrava os tantos e tão largos canais de esgoto que o rapaz tinha podido ver nos filmes que retratavam os submundos fétidos das grandes cidades do seu e de outros países. O cheiro de podridão, que os filmes quase permitiam que fosse sentido, impregnava chão e paredes daquele local inteiro, fazendo com que o visitante de cabelos brancos tivesse a impressão de ter posto os pés em um cemitério.

Puseram-se a caminhar, o jovem seguindo os passos largos, claudicantes, do criado. A chama da lanterna a querosene oscilando, criando fantasmas de sombras pelo caminho. Os paredões do corredor pareciam terem sido feitos com blocos de granito talhados sem cuidado algum, de tão irregulares que eram. Pontas mais pronunciadas nos blocos de rocha absorviam em parte a luminosidade da chama, produzindo figuras de contornos escuros e afiados que davam ao rapaz a impressão de que este se encontrava cercado por paredes feitas de escamas.

O gigante tampou com a mão uma das quatro janelinhas do lampião, a única que estava defeituosa, com o vitral quebrado, tentando impedir assim o bruxuleio da chama, o que serviu para consumir quase metade do seu foco, deixando o caminho ainda mais escuro e bizarro.

O chão era formado pelos mesmos paralelepípedos toscos que tinham sido empilhados nas paredes. Ali, no entanto, os largos rochedos estavam colocados

uns dos lados dos outros, como azulejos, dispostos diametralmente, com a luz trêmula da chama a evidenciar ainda mais as imperfeições e ranhuras de suas superfícies.

Os vãos entre os blocos de pedra do piso faziam os dois homens tropeçarem. O enorme caseiro, debaixo de seu manto, apoiava seu braço comprido como a asa de um abutre nas paredes, empurrando-se para frente com a mão que estava livre, como se ainda estivesse aprendendo a caminhar e a se sustentar com as próprias pernas. A mão que segurava a lanterna ia baixando mais e mais conforme aquele homem caminhava, fazendo com que as sombras surgissem ainda mais agressivas por todos os lugares.

Decorridos alguns minutos, os dois homens chegaram afinal em uma porta simples de madeira que se encontrava na parede da direita do corredor, o qual ainda seguia em frente, sendo envolvido pela escuridão. Pararam de caminhar. Tinham andado cerca de catorze penosos metros.

Ouviu-se um ruído abafado e grave, um trovão dos mais fortes, decerto. O ruído da chuva, já inaudível, assomou em forma de lembrança à mente do rapaz. O cheiro da mofo impregnava o ar quase a ponto de torná-lo sólido.

O caseiro suspendeu a lanterna em um suporte praticamente invisível que havia ali perto, e tratou de remexer os bolsos de seu manto, fazendo com que surgisse uma grande chave solitária, diferente das outras que ele transportava no molho de chaves. O caseiro engatou-a no buraco da fechadura, girando-a até o ponto em que uma seqüência de cliques se fez ouvir. A chave então foi removida da fechadura, e voltou veloz para o mesmo bolso de onde tinha vindo.

Pelo visto, tal homem era muito cuidadoso com suas chaves, ou com a segurança daquele local, cogitou o visitante de cabelos brancos, em silêncio, desejoso de saber a que se devia tanto cuidado.

- Siga-me - ressoou a voz do homem de manto.

O jovem visitante conseguiu visualizar uma escada de madeira, em caracol, que se torcia para a direita, e para o alto, de onde vinha uma certa luminosidade.

O velho de manto entrou, fazendo sinal para que o jovem fosse o primeiro a subir, enquanto ele utilizava novamente a grande chave e puxava mais alguns trincos, tratando de vedar, talvez para sempre, o acesso ao fétido corredor.

O jovem de cabelos brancos subiu os velhos degraus triangulares, que deviam ter mais de um metro de largura, sentindo o ar, provavelmente viciado, que se enchia de pureza ao ser comparado à atmosfera decadente e corrompida que impregnava o corredor. O velho o seguiu, e só então o rapaz percebeu que o lampião de gás havia sido deixado preso ao suporte, no corredor, o que lhe pareceu um tanto ilógico.

Qual seria o motivo de tantas medidas de segurança, imaginava ele. *"Por que tantas fechaduras e cadeados? E por que será que ele esqueceu a lanterna acesa lá embaixo? Não que ele seja necessário aqui, afinal há luz suficiente... Será que ele pretende voltar lá para baixo?"*

Enquanto pensava, o rapaz foi surpreendido por uma outra lanterna que surgiu pelo caminho, cuja luz enaltecia a parede circular também feita de pedras empilhadas, cujo acabamento parecia ser ao menos um pouco melhor do que o das paredes do corredor. A luz da chama fez seus olhos arderem, e ele soltou um breve gemido de dor, fechando-os. Momentaneamente cego, o visitante acabou tropeçando nos degraus, mas logo se refez, procurando reencontrar seu caminho.

Após terem dado umas duas voltas na escada em espiral, os passos fazendo com que os largos degraus de madeira escura sibillassem e rangessem, os dois homens alcançaram uma outra porta dupla, lisa e sem entalhes, ao final de um degrau que era mais de três vezes mais comprido do que os que se viam na escada, formando uma meia lua a delimitando o fim da subida.

Luz era irradiada através das frestas da porta dupla, e uma outra chave de tamanho mediano havia sido previamente posicionada na única fechadura que havia, interligando as duas portas. O caseiro aproximou-se, ultrapassando o jovem, que deu um passo atrás para liberar espaço. Os grandes dedos do homem surgiram debaixo do manto e agarraram a chave, fazendo-a girar.

As portas se abriram, uma sendo empurrada para cada lado, a acabaram revelando um outro corredor, cujas paredes eram, assim como o teto, de madeira. Uma lâmpada elétrica incandescente pendia do teto, e iluminava prodigamente todo o pequeno ambiente.

O rapaz de cabelos brancos se encolheu, tapando a vista com uma das mãos. *"Eles têm luz aqui neste fim-de-mundo? Mas, não havia nenhum poste de luz pelo lugar onde passei... ou será que havia?"*, cogitou.

O jovem pôde ouvir os passos desajeitados do caseiro se distanciando em direção ao corredor. Abrindo os olhos, ainda encobertos com a mão, o jovem tratou de se acostumar com a luz, seguindo também ele pelo corredor.

Viu alguns pares de portas simples, de madeira, recortados tanto na parede esquerda do corredor quanto na direita. Lembrou-se do corredor da pensão onde havia vivido seus últimos dias junto à civilização, corredor aquele que também era cheio de portas que davam para os quartos. Aquele corredor, contudo, era muito mais estreito do que este em que estava agora, e também não era tão sombrio.

Lembrava-se bem de seu antigo quarto... o quarto do final do corredor, última porta à esquerda, e do alçapão que lá havia, o qual dava acesso, por intermédio de uma escada dobrável, ao porão da pensão. Um lugar misterioso, tomado pela escuridão, que ele costumava visitar diariamente, e onde dormira várias vezes...

Olhou em torno do corredor imenso, mais de dois metros de largura, onde estava. Ornamentos e rodapés escuros de madeira, esculpido em um estilo arquitetônico difícil de identificar, incrementavam os cantos e divisões, servindo para dividir paredes, teto e piso. As paredes tinham sido pintadas em alguma cor clara que a luz amarelada da lâmpada corrompia. Quadros com pinturas de bustos de homens e mulheres, trajados de modo aristocrático, separavam, de quando em vez, uma porta da outra.

Uma outra porta dupla, com motivos em madeira semelhantes aos dos rodapés tanto na cor quanto no formato, e um interruptor de luz fluorescente do tipo mais barato, era o que se podia ver no final do corredor. Um cabo elétrico saía da caixa plástica do interruptor e serpenteava, preso por uma série de grampos metálicos, rumo ao teto, onde desaparecia em um canto.

"O luxo... e o lixo da nova civilização", ironizou o rapaz.

Sem girar nenhuma chave desta vez, o velho, bem menos ameaçador e nem tão imenso agora que as sombras tinham deixado de incrementar os traços de sua capa de chuva desbotada e esfarrapada, teve apenas que girar um par de maçanetas e empurrá-las para...

- Entre, senhor.

... que as portas se abrissem e se desenhasse a maior das mudanças no seio daquela que devia ser a mais estranha das casas, ou então a mais fantástica.

Boquiaberto, a mão ainda a proteger sua vista da luz, o jovem sentiu o cheiro do requinte ao adentrar justamente aquele que deveria ter sido o ponto de recepção, e que devia ter estado localizado logo após a primeira porta do pavimento inferior, no lugar do inóspito corredor de pedra.

Não havia o mais leve sinal do cheiro de podridão que ele sentira antes - em lugar disto, recendia o leve aroma das muitas plantas, samambaias, flores diversas, que pendiam de vasos e arranjos feitos em barro, raízes e cascas de árvores, suspensos em cadeias de correntes, preenchendo de verde e vida paredes e teto do salão não muito extenso, mas muito iluminado, que se desenrolava tal como uma bela pintura à sua frente.

- Aguarde aqui, por favor - disse o velho caseiro, fazendo uma mesura. Possuía olhos realmente enormes, intimidantes, e uma face flácida, tão branca e sem vida quanto os cabelos do rapaz. - *Milady* logo virá recebê-lo.

Após isso, retornou para o rústico corredor de madeira, fechando a porta dupla e desaparecendo.

Ao rapaz de cabelos brancos, coube apenas cumprir o pedido.

Enquanto acostumava a visão à luz forte que o deixava quase cego, perambulava e procurava observar os detalhes desta que devia de fato ter sido a sala de recepção, mesmo estando tão longe da entrada do prédio... Uma sala repleta de aconchegantes estofados, sofás e poltronas cobertos de almofadas macias e brilhantes nos quais ele não tinha coragem de sentar, apesar do cansaço que sentia, e mais carpetes finíssimos, deitados ao chão feito de largas tábuas escuras e envernizadas, ou pendurados pelas quatro paredes que pareciam feitas de gesso de tão brancas, das quais ele tentava se manter afastado. As tapeçarias eram estampadas, entrelaçadas ou cerzidas com as mais belas representações orientais, caricaturas de deuses e de mortais e outros tantos ideogramas impossíveis de se identificar. Ao centro da sala, entre as tapeçarias e estofados, uma mesa não muito estreita, bastante baixa, onde se viam uma porção de vasos pequenos, em que pequenas árvores *bonsai* estavam plantadas, esculturas *origami* de papel, e outras tantas quinquilharias e minúsculos apetrechos, aparentemente esparramados ali a esmo, porém com sabedoria e elegância, pois nada naquele ambiente parecia ser visualmente ofensivo ao rapaz, com exceção dos lustres que pendiam do teto, e para os quais o jovem não conseguia olhar, pois produziam luz em demasia para quem havia ficado durante tanto tempo no escuro.

Piscando os olhos, fascinado com o deslumbrante ambiente tanto como atormentado pelo excesso de luz, o visitante de cabelos brancos lembrou a última frase que havia sido dita pelo caseiro, tendo o cuidado de enfatizar a primeira daquelas quatro palavras, que o atraía tanto por ser antiquada quanto pelo que passava a representar...

"MILADY logo virá recebê-lo..."

* * * *

... os mais estranhos casos de assassinato verificados na região, ao menos nos últimos tempos. E o mais incrível ainda é a falta de indícios. Simplesmente não há pistas, e segundo o inspetor NNN, da polícia estadual, que se encontre aqui ao

nosso lado, em nossos estúdios, pelo que os homens da perícia puderam perceber, nenhuma arma foi usada pelo suposto lunático, que ao que parece, tratou de... a-ham!... como poderíamos classificar isso... ele tratou de mutilar as vítimas, por assim dizer, não é isso, doutor inspetor? Bom dia. É um prazer recebê-lo em nossos estúdios para esta entrevista exclusiva, que, convém lembrar, está sendo transmitida em cadeia nacional pelas nossas repetidoras. Bom dia, doutor inspetor!

- Bom dia, amigos ouvintes... De fato, bem... na verdade não foi constatado o uso de ai... de nenhuma arma... de nenhum TIPO de arma conhecido, o que não significa que não tenha de fato existido uma arma envolvida no delito. Na verdade... bem, pode... fica evidente que não se trata de uma arma normal, de uso comum.. Não que armas devam ser consideradas de uso comum ou não. É apenas uma maneira de...

- Entendo. Poderia ter sido uma arma rudimentar? Uma arma indígena, por exemplo?

- É possível... É bem provável, mas não se deve levantar suposições precipitadas. De acordo com os técnicos, as mutilações só podem ter sido provocadas por garras, ou algum tipo de instrumento multi... de múltiplas lâminas, cuja forma de corte lembre ou tenha sido constituída em um padrão análogo ao de uma garra de felino ou urso. Note que não se trata, evidentemente, de uma machadinha ou de um canivete indígena, e sim de algum outro tipo de instrumento de grande peso e contundência, do qual não temos registro.

- Bem, doutor inspetor... E o que está sendo feito pela policia, tanto local quanto estadual e federal, pois se ouviu falar do envolvimento até mesmo desta que é a mais alta das instâncias policiais... nesta operação... Os ouvintes gostariam de saber o que todas essas forças policiais estão fazendo para remediar esta situação? Existe algum tipo de operação sendo executada para que este elemento - que é um elemento muito perigoso para nossa sociedade - seja detido?

- Sim, bem... Estamos fazendo o possível. Como você disse, há uma reunião, uma cooperação entre as várias forças policiais. Hoje mesmo, todas as vias de acesso à cidade e arredores foram bloqueadas, e há, seguramente, uma viatura ou destacamento em cada ponto... em cada um destes pontos. Como ainda não temos nenhum suspeito definitivo...

- Nenhum suspeito definitivo? Isso quer dizer que a policia ainda não tem nenhum suspeito, ninguém que possa ser incriminado? Isso é verdade?

- É... Por incrível que pareça. Realizamos algumas detenções, porém nenhuma das pessoas... nenhum dos detidos tinha ou ao menos parecia ter qualquer envolvimento com a série de homicídios. Todos foram devidamente interrogados, fique bem claro. Mas, infelizmente, não há testemunhas, nem outros indícios como digitais ou objetos que possam ter sido deixados pelo criminoso ou criminosos nos locais dos crimes, e isso nos deixa sem muitas opções de ação.

- O senhor mencionou 'criminosos'... O senhor suspeita de que mais de um homem seja responsável pelos crimes?

- Como eu disse, podemos suspeitar de qualquer um, ou mesmo de muitos, mas isso não resolve nada, pois não podemos sair por aí prendendo qualquer um que venhamos a encontrar pelo caminho. E, nestes casos, mandados são difíceis de ser expedidos...

- Sim. É claro. A policia não pode sair por aí prendendo todo e qualquer tipo que aparecer pela frente. Isso caracterizaria um abuso de poder desnecessário, que poderia até mesmo vir a funcionar contra a própria policia.

- *Exatamente. Nossa função é proteger a sociedade.*
- *Correto... Muito bem. Vejamos... E quanto às informações que os repórteres da TTT obtiveram, segundo eles em primeira mão, de que... deixe-me ver... hum, aqui está... informações de que os corpos das vítimas teriam sido encontrados em avançado estado de putrefação nos...*
- *Não, não, não... Isso tudo não passa de boataria!*
- *Quer dizer que o senhor nega as informações de uma emissora jornalística de porte internacional como a TTT, sem dúvida uma das mais importantes redes de telejornalismo da capital, e mesmo do país...*
- *Ora, eles que metam o nariz nos assuntos da capital! Eu vi os jornais, e os telejornais da capital, recheados de bobagens. Esses caras enxergam tanto que devem ter visto um besouro ou uma mosca pousando no nariz de um dos cadáveres, e então, no dia seguinte, sai toda essa baboseira a respeito de cadáveres em putrefação nos jornais do mundo inteiro.*
- *E os cadáveres não estavam em putrefação?*
- *CLARO QUE NÃO! Os corpos foram encontrados alguns dias depois de os crimes terem acontecido, só isso. Cadáveres SEMPRE estão em um contínuo processo degenerativo, a não ser que sejam metidos no meio do gelo, no necrotério, mas isso não significa que esses corpos estavam podres.*
- *Muito bem. Nosso tempo está quase no fim... Por último, fechando a nossa pauta de hoje, eu gostaria de saber se existe alguma relação entra esta onda de assassinatos que está acontecendo agora e aquela que ocorreu cinco anos atrás, afinal é de se convir que as semelhanças são grandes.*
- *Eu prefiro não ficar especulando a este respeito.*
- *Há de se convir que os três assassinatos de cinco anos atrás, que foram acobertados pela polícia por um ano e meio, quando vieram à tona revelaram mutilações idênticas nos corpos das vítimas...*
- *QUASE idênticas... quase. Não há como estabelecer relações, que não sejam as mais óbvias, entre um caso e outro. Este primeiro caso, que NÃO foi acobertado pela polícia, apesar de as más línguas insistirem em dizer o contrário... Apesar de nossas contínuas e reiteradas investigações, este primeiro caso não teve condições de ser resolvido. Estabelecer quaisquer relações entre um caso e outro, neste ponto, apenas desviaria o rumo das investigações, e, creio, não traria nenhum resultado...*
- *Certo. Nosso tempo acabou. Agradecemos ao senhor inspetor NNN, do Terceiro Distrito Policial, que está conduzindo as investigações sobre esta nova série de assassinatos que está assustando nossos cidadãos, em um oferecimento de...*

* * * * *

- Pois então... isso significa que o senhor chegou até aqui por acidente?
A bela mulher, sentada em uma das poltronas revestidas de um tecido acetinado, colorido em tons pastéis, observava com obstinada curiosidade o jovem que enxugava os cabelos brancos e o pescoço com a pequena toalha azul e felpuda que ela própria havia trazido.

O jovem sorriu.

- Não... A senhora não precisa agir tão... formalmente - disse ele, a voz sumindo debaixo da toalha que agora cobria o seu rosto. - Acho que não sou digno de tanta consideração.

- Tenho certeza que é - comentou a mulher, divertida, descontraindo-se. - Mas, já que é assim que quer, o mesmo então passa a valer para mim. Não estou mais suportando ser chamada de senhora. "*Senhora*" para cá, "*senhora*" para lá...

Ela riu, e o vestido branco que envolvia seu corpo pequeno e esbelto riu com ela. A dona daquele casarão, feito tanto de luxo quanto de abandono, integrava-se impecavelmente com aquela que era a parte mais fina e melhor iluminada da moradia. Enquanto o caseiro, que guiara o rapaz até aquele ponto e ali o deixara, dava a impressão de ter saído de um pesadelo, a anfitriã parecia ser parte de um conto-de-fadas, tão encantadora que era. Não devia ter mais de um metro e sessenta de altura, e nem era dona de um corpo dos mais estimulantes para a imaginação. Era magra, e suas mãos eram particularmente feias; muito grandes, ossudas, com dedos muito compridos e algumas pequenas lesões...

- Certo... de agora em diante... - o forasteiro de cabelos brancos devolveu a ela a toalha - fica sendo "*você*" para ambos.

No entanto, aquela mulher franzina possuía um rosto. E o rosto que ela possuía era o rosto de um anjo.

Olhos azuis, enormes, quase transparentes, com pupilas rodeadas por um mar de sangue e lágrimas mortas. Olhos de diamante, como tesouros envoltos pela lava ardente e triste de muitos prantos consecutivos. Olhos necessitados, infelizes, atormentados por duas sobancelhas finas, esquivas, orgulhosas talvez. E um narizinho cheio de tracinhos, planejado e esculpido pela divina evolução de modo a ser perfeito.

Olhos de diamante e um nariz de diamante. E uma boca feita de quê? De polpa da mais doce das frutas? Ou seria de pétalas da mais suave das flores?

- Ótimo! Excelente - a dona da casa parecia ser feita toda de sorrisos e compreensão. - Então, continuemos a falar a seu respeito. "*Você*" veio até aqui de carro?

E além do mais belo rosto que possa ser concebido, a atraente mulher tinha também cabelo... *muito* cabelo. Uma vasta cabeleira loura descia formando uma cascata dourada até quase tocar o chão, esparramando-se pelo corpo da pequena deusa e avolumando-se, liso, sobre seus ombros e busto, enquanto caminhava, e cobrindo boa parte do estofamento da poltrona, confundindo-se com este, agora que ela estava sentada.

- Não, não - ele balançou a cabeça. - Não foi bem assim. "*Você*" bem deve saber: não há maneira de se chegar de carro até aqui. A estrada está tão interdita que seria necessário utilizar um tanque do exército para chegar até este lugar.

Uma tiara finíssima e prateada, no alto da cabeça, impedia que a cachoeira dos cabelos da bela dama caísse sobre sua face. Ela não usava brincos, nem pulseiras, colares, ou qualquer outro tipo de adereço. A pele de sua face, ao contrário da das mãos, era clara como a pele de um bebê de dois meses.

- Percorri metade do caminho a pé, e por sorte consegui chegar aqui antes da chuva me pegar para valer. Escute, hum... Posso estar sendo indelicado, mas vou perguntar assim mesmo: qual é seu nome, *milady*?

- *Milady* é outra forma de tratamento que me convém dispensar. É arcaico e formal demais. Mas isso não me impede de lhe dizer meu nome. Chamo-me...

O trovão repercutiu nas proximidades, fazendo com que os alicerces da casa estremecessem.

- Bonito nome - comentou o rapaz. - Mas, o que eu ia falar mesmo? Ah, sim...

Ela olhava fixamente para aquele jovem, sempre exibindo um olhar amistoso e interessado. Ele tinha estatura mediana-alta. Rosto forte, impetuoso; olhos perscrutadores, inquietos. Olhos cujas pupilas viravam para cá e para lá nas órbitas, procurando, investigando, observando muitas vezes ela própria... O cabelo curto, despenteado, branquíssimo, quase a ponto de ser prateado. Veias palpitantes que saltavam nas têmporas.

- ... e daí o seu mordomo me trouxe até aqui, depois de termos passado pelos... pelos "*esgotos da capital*" - ele balançou a cabeça, parecendo ter se ofendido com o próprio comentário. - Desculpe-me, senhora. Eu não devia ter dito isto.

Notável o nível de formalidade a que o visitante procurava se apegar, sentia a mulher. Ele se recusara mesmo a sentar em uma das poltronas. E ela percebia o quanto de esforço este tipo de comedimento parecia representar para ele, indubitavelmente desacostumado à lidar com as situações mais cerimoniosas da vida.

- Seria mais correto que você não dissesse "*senhora*". Assim estaria cumprindo sua parte no acordo - falou ela, gracejando formalmente. - E eu também agradeceria se não se referisse à pessoa que o trouxe até aqui como "*mordomo*"...

Veias palpitantes que saltavam nas têmporas. A pele rosada... arroxeadas, para se denotar o ponto exato. Os olhos castanhos, claríssimos, desbotados até.

- Desculpe-me. Sem mais "*senhoras*". - Ele riu, e depois olhou para a bela mulher de esguelha, piscando algumas vezes e franzindo o nariz. - Não devo chamar a pessoa que me trouxe até aqui de "*mordomo*"... Por quê?

Tinha olhos castanho-claros, cobertos de gelo, que mesmo sendo tão inquietos, não desviaram ao terem topado com os olhos estáticos da anfitriã.

- Uma vez que o serviçal em questão é meu pai... - declarou ela, baixando o rosto - e... o verdadeiro dono desta propriedade, acredito que não venha a ser de todo adequado que alguém se refira a ele como um simples... "*mordomo*".

Ele olhou em volta, dando a impressão de que duvidava do que havia ouvido. Tinha um corpo até certo ponto atlético. Pernas e braços relativamente musculosos, tronco e cintura bem delineados. Assim mesmo, seu físico era delgado, e ele tinha o peito particularmente encolhido, minguado, contrastando com o razoável volume dos antebraços e ombros.

- Seu... pai?

A linda dama aquiesceu, olhando para longe com pesar.

- Mas... quando entrei aqui, ele disse-me para que esperasse até que *milady* viesse me receber. *Milady*?

Ela tentou rir, baixando o rosto e escondendo-o com as mãos. Tornava-se incrivelmente frágil nesta posição.

- Ele sempre me chamou assim...

Pareceu ao jovem de cabelos cor de prata que a dona da casa começava a chorar. Seus olhos, lembrava ele. Tão rodeados de vermelho. Por que será?

E aquele sentimento de resguardo que ele sentia em relação a ela. Como que um instinto, que o impedia de querer tocá-la...

- Oh, bem! É o suficiente. Já é tarde da noite. - Ela levantou-se, impulsionada por um suspiro. Os olhos azuis e vermelhos brilhavam. - Acho que estamos todos muito cansados para continuarmos em pé. Siga-me, por favor. Vou lhe mostrar o seu quarto.

Saíram da sala de visitas ornamentada, penetrando novamente o corredor repleto de portas. Ela abriu a segunda porta à direita, no sentido em que estavam vindo, e ambos adentraram um grande aposento, onde uma imensa cama larga e antiga destacava-se, cercada por uma tela fina e branca de seda do tipo que serve para impedir a entrada de mosquitos. Quatro pilares de madeira se erguiam dos quatro cantos da cama, de modo a sustentarem uma cobertura originária dos moldes moveleiros de um século atrás. Orlas de tecido em cores neutras desciam da cobertura de madeira fina, formando meias-luas de recortes e bordados.

- É aqui que o senhor deve passar a noite - declarou a mulher, piscando as vistas, tal como se tentasse se recuperar de uma súbita tontura. Apontou o quarto ao forasteiro, elevando ambas as mãos, de modo solene.

Cumprimentando-a com um aceno, o rapaz deu algumas passadas tímidas, examinando a pouca luz do ambiente. Viu o vasto tapete preenchido por motivos ainda mais indecifráveis do que os que vira na sala; o amplo guarda-roupas, muito escuro e sinistro; a mesa de tocador, com seu grande espelho ovalado e gavetas com puxadores dourados, e a pequena cadeira de madeira escura... O lustre feito de gotas vítreas, com aquelas cinco lâmpadas elétricas de baixa potência, as quais estavam muito bem acesas...

"Como pode haver tanta luz elétrica neste lugar? Não havia nenhum poste de luz no caminh..."

A porta bateu atrás de si!

Virando-se, o jovem espantado ainda teve tempo de ouvir a chave sendo girada algumas vezes do outro lado da fechadura. Em seguida, passos apressados, diminuindo de intensidade, sumindo ao longe. A mulher de longos cabelos e face encantadora se embrenhava em alguma das outras alcovas a que as inúmeras portas do corredor de madeira davam acesso, sabe-se lá com que objetivo.

Suspirando, o visitante afastou o véu que cobria a cama e ali sentou-se, conferindo a maciez do colchão e dos cobertores.

"Preso, outra vez", sorriu ele.

E dando de ombros, ficou observando o reflexo dos cobertores desbotados, amarelecidos, e o vazio de onde estava sentado no espelho oval, cercado pela moldura dourada e rica, que se encontrava sobre a mesa de tocador.

Pensava naquela mulher, e em sentimentos que julgava terem sido há muito esquecidos.

* * * * *

Conversas e sussuros na escuridão:

- ... e o carro dele (uma voz grossa, tonitruante, masculina) *deve ter ficado há alguns quilômetros daqui, tenho certeza. Fui pessoalmente verificar...*

- O quê? (voz de mulher, grave, quase sem inflexões)... *Você foi até onde ele deixou o carro? Está ficando louco?*

- Não, é claro que não. Porém, as circunstâncias exigiam uma verificação, e assim o fiz...

- Meu Deus...

- Você sabe tanto quanto eu... que eu não posso sair por causa dessa maldita deficiência. Bastou eu tê-lo trazido aqui para cima para que as dores voltassem... Até a luz elétrica já me prejudica... (um suspiro semelhante a um grunhido; a voz grossa, monstruosa, masculina). Eu só dei uma conferida pelos arredores, apenas isso.

- Ah, apenas alguns quilômetros de arredores, apenas isso... (exaltação na voz de mulher)

- Não precisa ficar preocupada.

- Nas próximas vezes (a voz de mulher, agora grave e carinhosa), por favor deixe-me ir atender a porta...

- Não. Não haverá próximas vezes. Ninguém mais pode vir até aqui. Não ouviu as notícias pelo rádio?

- Não. Não consegui ligá-lo... sintonizá-lo. A tempestade... não consegui sintonizar nada.

- Isso não importa. As pessoas, a polícia... eles estão procurando alguém, escute bem isto... e cedo ou tarde vão acabar encontrando!

- Mas eles não têm nenhuma razão para desconfiarem da gente. Eles...

- Eles virão até aqui, cedo ou tarde. Eu sei que virão, e quando isso acontecer, eles farão perguntas, e passarão a bisbilhotar, a vasculhar o passado... e então coisas que deveriam permanecer enterradas e escondidas pelos séculos afora começarão a surgir...

- Mas (muita preocupação na voz de mulher)... não fomos nós que fizemos isso! Pelo menos não desta vez!

- Não importa. Eles vão acabar descobrindo coisas, e nós seremos os prováveis culpados, porque quem está fazendo isso desta vez não deixa marcas nem pistas... e eu tenho certeza que não haverá nenhuma maneira de capturá-lo, nem para a polícia e nem para mais ninguém...

Alguns instantes de silêncio. Ouve-se um som ao fundo, intermitente, como um gerador ou um motor com problemas, que ainda tenta funcionar, sem muito sucesso, acendendo e apagando em repetição.

- ... porque... (a voz grossa de homem murmurando, sumida) quem está fazendo isso agora nasceu... surgiu... veio ao mundo para fazer este tipo de coisa. É a natureza deste tipo de criatura, como é contado nas lendas. Mas, você tinha algo a me dizer...

- Sim (a voz grave feminina, bem mais animada desta vez). Aquele rapaz... eu o vi ontem, quer dizer hoje, dentro de seu quarto...

Um raio caiu nas proximidades. O trovão ressoa como uma dúzia de cargas de dinamite ativadas em seqüência.

Ouvem-se comentários indistintos. O trovão continua a reverberar. Os vidros das janelas próximas estremeçam. Uma voz de mulher... a mesma voz de mulher. Frases a princípio incompreensíveis cujas palavras vão se tornando identificáveis a medida que o estrondo produzido pelo raio retrocede...

- ... e eu juro, sou capaz de jurar que foi exatamente isso o que aconteceu!

- Você tem mesmo certeza? (a voz grossa, de homem, desconfiada)

- Já lhe disse que sou capaz até de jurar! Ele é um deles! (a voz de mulher, suplicante)... É como está escrito nos livros, nas lendas. A literatura mais antiga e

clássica diz que... veja: (coisas sendo mexidas; páginas sendo folhadas) aqui:... veja por si mesmo... São os mesmos sintomas. Não há possibilidade de que estejamos enganados!

- Há sempre...

Um pique de luz. O zunido intermitente cessando por alguns instantes. Tudo escurece. A voz de homem é bruscamente interrompida.

- Droga! (voz de mulher) Deve ter acontecido alguma coisa...

A luz volta a acender, e o zumbido entrecortado é ouvido novamente.

- ... com o... gerador. Seja lá o que for, já acabou.

Páginas são folheadas. A chuva volta a cair sem piedade sobre os telhados e os campos.

- Se tudo isto que está escrito for verdade (voz de homem)...

- Pode ser a nossa salvação (voz de mulher, esperançosa). Ouça, papai! Se for verdade o que está escrito, existe a possibilidade de que ele venha a ser a sua única chance de cura... A nossa única chance.

- Mas... isto pode ser perigoso. Dizem que eles são perversos e malignos, e que...

- Por favor, pai. Temos que tentar.

- ...

- Não teremos outra chance. Teremos que voltar a.. a matar... a usar sangue...

- E eles não fazem o mesmo?

- Oh, Deus...

Silêncio. A chuva vai aos poucos amainando.

Mais algumas páginas são viradas. Passos, pés pisoteando a esmo o chão, indo e voltando.

Enfim, um baque indica um livro a ser fechado.

- Mas, no fim das contas (voz de homem), você tem toda a razão. Temos de tentar.

- É isso! Não temos mais nada a perder.

- E... milady tem alguma idéia sobre como...

- Não... Nunca me chame desta forma... eu detesto quando faz isso...

Um abraço afetuoso, e sussuros incompreensíveis

- Sim, (voz de mulher, muito grave) acho que sim... Fique aqui em baixo, onde é seguro.

Passos se distanciando.

Uma porta sendo aberta em algum lugar.

"Deixe que eu sei exatamente como cuidar de tudo."

* * * * *

Raiou o dia. O sol nasceu.

Por alguma boa mágica, um dos mistérios da natureza, a chuva foi contida e a tempestade instantaneamente se desfez. Pequenas nuvens, desfiadas pelo vento, desfilavam efêmeras pelo azul atmosférico, formando desenhos suaves, de

inerente complexidade, que poriam a imaginação dos vivos a funcionar caso seus olhares desatentos fossem direcionados para o céu.

Não havia ninguém *vivo* naquela mansão sombria, rodeada por pálidas árvores-esqueleto, por capim seco, por fungos e líquens. E entre os que não estavam vivos, grande parte dormia o eterno sono dos justos que é difundido pelas crenças, descansando e apodrecendo para sempre debaixo de suas velhas lápides úmidas, eternas moradas.

Três dos mortos daquela casa, entretanto, dormiam um sono bem menos natural, que somente poderia ser eterno enquanto o dia perdurasse, e cujos sonhos bem poderiam ser transformados em pesadelos assim que a noite tornasse a cobrir com suas sombras aquele lado do mundo.

Três dos mortos daquela casa dormiam, trazendo os sintomas de uma morte infame, amaldiçoada, em suas peles. Dores diversas e diversas necessidades marcavam com chagas as suas carnes. O *sangue* que não lhes era possível produzir ia aos poucos se esvaindo de suas veias, sendo utilizado de formas semelhantes pelos três corpos impregnados de morte, tornando-se viciado e estagnado, consumindo-se.

Três dos mortos daquela casa dormiam, atormentados pelos pesadelos da carência. Infectados com as doenças da carne e da alma.

Três dos mortos daquela casa dormiam, sonhando com o dia em que finalmente poderiam encontrar o descanso eterno.

Apenas um dentre os muitos mortos daquela casa despertou mais cedo, antes daquele dia terminar...

* * * * *

Ao cair da noite, acordado por uma agressiva necessidade que julgava ser apenas sua, o rapaz de cabelos brancos saltou da irretocável cama aristocrática e abriu a janela, deixando o hálito frio do exterior penetrar no quarto do casarão gótico onde estava aprisionado.

Por alguma boa mágica, um dos mistérios da natureza, ele não precisou verificar a porta do quarto para saber que esta ainda estava trancada, e ele ainda se encontrava preso.

Não que isso fosse de todo verdade...

Olhou de relance para o que havia abaixo de seu quarto, no pátio escuro que, de acordo com seus cálculos, devia corresponder ao setor ulterior, aos fundos do grande casarão.

Estava muito escuro, mas mesmo assim ele podia distinguir uma pequena casinhola, de onde vinha um ruído de motor continuamente afetado por consecutivos esgares e variações em sua rotação, algo que ele havia percebido ainda na véspera.

Postes. Dois, baixos, de madeira, muito tortos, onde pendiam fios, estes fazendo ligação entre a casinha de onde vinha o zunido do motor e algum local na parte inferior da mansão. Poças de lama em torno dos postes, e em mais uma dúzia de outros lugares.

A tempestade se fora há algum tempo, julgou o rapaz.

A explicação mais coerente para as tantas luzes elétricas, sempre acesas pelas mais diversas dependências do sobrado... por certo, devia existir um gerador naquele pequeno estábulo, de onde vinham os fios de luz.

Mas como, indagava-se o visitante, como poderia haver um gerador em um lugar como este? Geradores necessitam de combustíveis, ou de algo que sirva para impulsionar seus rotores, quer seja energia pluvial, eólica, ou algo do gênero. Não havia nenhum som de água corrente, e, por conseguinte, nenhum rio próximo o bastante para poder movimentar um gerador. Ele também não tinha visto nenhuma espécie de cata-vento na noite anterior, em lugar algum em torno do casarão. E da fumaça cinzenta do carvão que poderia estar sendo queimado com igual finalidade não era possível sequer sentir o cheiro.

O jovem de cabelos brancos se virou para o interior do quarto, detendo-se no lustre. Observou as lâmpadas brilhando, sem nenhuma explicação, iluminando o quarto em parte, pois este se tornava escuro, tanto devido à distribuição dos móveis e adornos quanto em decorrência das cores e estilos pouco convencionais destes. De fato, aquela mobília parecia ter sido pintada com piche, ou besuntada de betume, tão escura que era...

E as lâmpadas, ali, distribuindo suas luzes para quem as quisesse ou pudesse receber.

Ora, se elas tinham alguma razão para permanecerem assim, brilhantes, cheias de energia, ele também tinha seus motivos para querer sair daquele quarto. Seu estômago começava a doer. Suas mãos tremiam. Tal como o modo pelo qual as lâmpadas daquele casarão recebiam eletricidade, a moléstia que assediava permanentemente o corpo do rapaz também não parecia apresentar nenhuma explicação racional, ou ao menos nenhuma explicação aceitável.

No entanto, ambos eram fatos. E os fatos são a verdade. Coisas que acontecem, e pronto.

A barriga dele ardia de fato, e os seus ossos começaram a ficar pesados demais. Uma espécie de agonia lhe subiu do peito à garganta, fazendo-o contorcer-se, rangendo os dentes e abraçando com fúria o próprio corpo.

A dor. A moléstia que o atacava.

Dois dias. Dois vagos dias tinham se passado desde a última vez. Dois dias...

Aproximou-se da cama e ali se apoiou, lutando contra a infâmia diabólica em forma de peste que dominava seu corpo; contra a besta horrenda que desejava possuir sua alma...

DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR

Encolheu-se todo.

Esticou-se.

Apertava os dentes, forçando as mandíbulas como o *mestre* o havia ensinado a fazer. Depois suspirava, expirando profundamente, expulsando a agonia e a loucura... procurando conter a dor lancinante.

DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR

A técnica funcionava sempre. Não era a primeira vez. Porém, o jovem de cabelos brancos sabia que não devia abusar. A doença era muito forte, e a *fome* tornava-se mais e mais incontrollável quanto mais se tentasse contê-la.

Instintivamente, ele soube que deveria partir.

Lembrou-se da bela mulher de cabelos longos e voz rouca, sua anfitriã. Filha daquele criado grotesco, de mãos e rosto tão disformes...

Não podia vir a ser ela a próxima vítima de seus impulsos assassinos.

Não.

Normalmente a frieza e o desinteresse, e talvez até o egoísmo, serviam de guia para suas ações. Desde o princípio, ele passara a evitar o contato e o apego às outras pessoas... às pessoas normais. Agia assim apenas para não ter que lamentar suas mortes.

Eram os ensinamentos de seu velho *mestre*, graduados pela experiência própria.

Sim. Afinal de contas, o que era ele? Não era mais uma pessoa...

Não.

Era um maldito parasita! Um monstro infernal. Era isso o que existia dentro de si, agora, corroendo, dilacerando suas entranhas: um maldito monstro...

Aquela mulher... Havia algo diferente nela, algo místico, sublime, e ao mesmo tempo apavorando. As lágrimas, o vermelhidão que rodeava suas pupilas. O rosto perfeito, apesar do abatimento e das olheiras profundas. A voz grave, caridosa... calmante...

Apenas lembrar a voz dela parecia ser suficiente para que a temida besta se acalmasse dentro de seu ser, como dizem que ocorre com as feras quando estas ouvem música... boa música... música suave.

As mãos da mulher, tão... tão... *velhas*... Como as de seu velho pai.

...

Sim.

Estava decidido.

Pouparia aquela estranha e bela criatura.

Talvez fosse o pouco de humanidade que restava nele que o estivesse impelindo a tanto.

Talvez não.

Fosse como fosse, assim procederia, abandonando aquela casa de sombras e mistério, o quanto antes.

Voltou-se para a estreita janela, e já estava preparado para saltar - uns cinco metros até o chão... bastante simples para ele, em se considerando suas habilidades extraordinárias - quando notou alguma coisa diferente sobre a mesa de toucador. Uma coisa que ele não havia percebido até então: um envelope, de papel pardo, comprido e largo, metido justamente debaixo daquele pequeno vaso de porcelana branca que ele tinha considerado tão medíocre desde que adentrara aquele quarto.

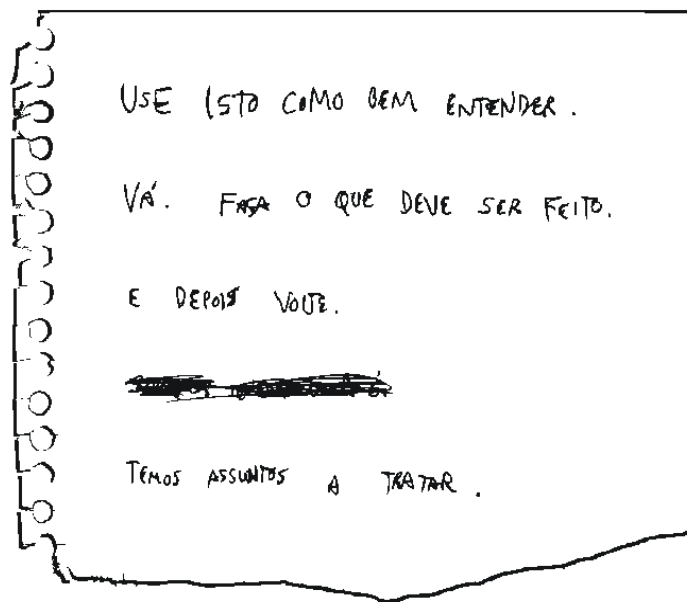
Tirou a vasilha sem flores de lado e remexeu no envelope, que *não estava* ali no dia... na *noite* anterior.

O envelope *não estava* ali, ontem... *Não estava*.

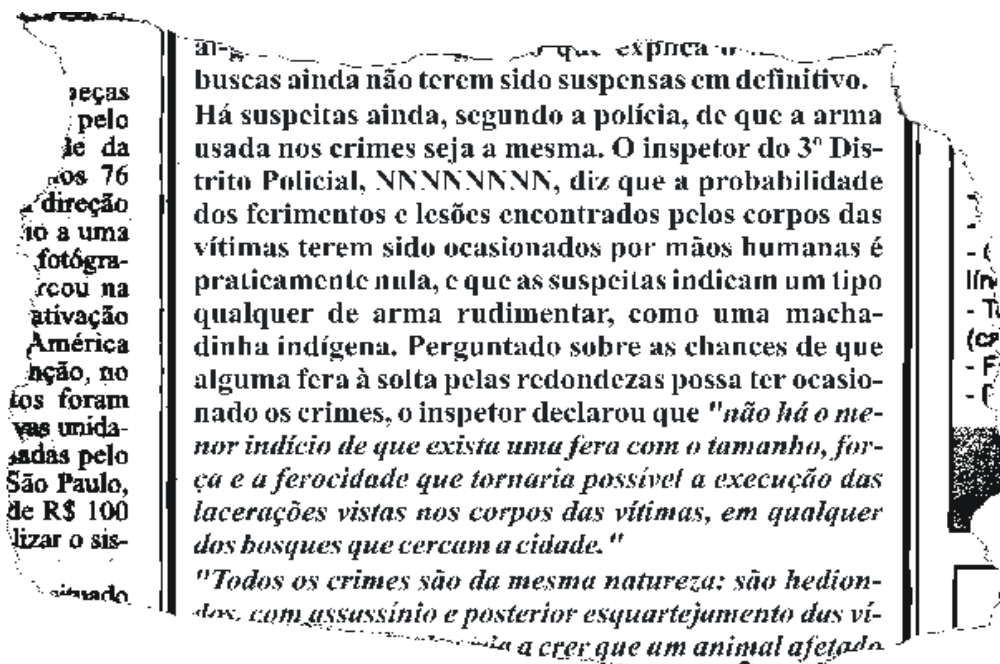
Ou será que ele não o havia visto?

Rasgou uma de suas orlas. Retirou de seu interior um pedaço de jornal amarelado, rasgado, e também um bilhete escrito à mão, com letras tremidas e um tanto ou quanto borradas. Em seguida, envolto em um saquinho plástico opaco, um estranho utensílio que não lhe era possível identificar.

O bilhete dizia:



Uma inicial aparecia no verso da mensagem. Coincidência ou não, tratava-se da primeira letra do nome de sua bela anfitriã.
O trecho do jornal:



Abrindo o pacote plástico, o jovem viu um instrumento que lembrava uma pequena foice, feito de ossos amarrados por uma espécie de malha colorida, cuja lâmina parecia ter se originado de um pedaço de costela devidamente polido e aparado.

Após ter manuseado algumas vezes o afiado instrumento confeccionado à mão, ele voltou sua atenção ao bilhete, examinando-o com maior profundidade.

Parecia ter sido escrito apressadamente, e as letras não obedeciam um padrão normal e contínuo de escrita, como se quem tivesse escrito a mensagem (a mulher, talvez) não estivesse disposto a usar sua própria letra.

Mãos nervosas, e trêmulas, *ou velhas*, por outro lado, também poderiam justificar a falta de capricho do traço.

Uma tentativa final de intimidação - "*sabemos quem você é*", todo rabiscado - rejeitada na última hora.

Depois, havia o jornal e...

DOR

... o pequeno artefato feito de ossos. Lendo-se o parágrafo destacado no recorte, percebia-se facilmente os elos que uniam os documentos ao artefato.

"indicam um tipo qualquer de arma rudimentar, como uma machadinha indígena."

E ali do lado, sobre a mesa, aquilo que os policiais e repórteres mais desejavam encontrar: *a arma do crime!*

E o mais perfeito dos álibis.

Não era necessário ser nenhum gênio para entender o recado deixado no bilhete por quem quer que fosse que o tivesse escrito.

DOR

Apenas era necessário entender como esta pessoa poderia saber tanto a seu respeito...

DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR

Ele gritou, sentindo sua consciência se esvaír através dos poros do corpo. A agonia subia pela sua garganta, intoxicando-o, enchendo-o de...

**DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR
DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR
DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR**

Sem poder mais se conter, sentindo *a peste, a fome arrebatadora*, o jovem de cabelos brancos e *olhos vermelhos* agarrou a primeira coisa que viu, como que impulsionado por um instinto. Mãos enormes, grotescas. O frio se apossando de seu corpo. A luz, as paredes, tudo se tornando vermelho, tal e qual o fogo de mil infernos.

Vasos caíram. O espelho que nada dizia, e que nunca mentia, partiu-se após ter sido arremessado para longe por um par de garras inumanas...

**DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR
DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR
DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR DOR**

Suas mãos voltavam a ganhar estabilidade. Seus dedos estavam de novo belos e saudáveis, assim como deviam estar as outras partes de seu corpo. O vermelho de seus olhos desaparecia aos poucos, refletido pelos inúmeros fragmentos do espelho.

O sangue amaldiçoado funcionava espetacularmente bem, como ela havia julgado que aconteceria, após ter lido os livros antigos, as lendas medievais.

Lendas que talvez fossem a chave para sua liberdade.

Por sorte, imaginava ela, enquanto saciava sua sede inumana e curava a doença que consumia seu corpo, o rapaz de cabelos brancos não percebera que aquele recorte pertencia a uma edição de jornal datada de *mais de cinco anos atrás*, e que os crimes ali descritos eram outros, assim como os possíveis criminosos.

Por sorte, em sua agonia, ele também não percebera de que se tratavam, quando inteiros, aqueles pedaços de madeira esparramados pelo chão.

Sim, por muita sorte...

* * * * *

Na noite seguinte, tendo sua fome demoníaca já muito bem controlada, e após ter cumprido a recomendação escrita no bilhete que encontrara na véspera, o rapaz de cabelos brancos retornou àquela mansão grandiosa e sombria, que parecia ter sido propositadamente construída no meio do nada, nas imediações do fim do mundo, local este que, em seu entendimento, constituía-se em um perfeito esconderijo.

Dono de si, tendo subjugado as dores fortíssimas que tantas vezes o tinham atormentado, ele tinha passado a lançar mão das amplas vantagens que *a doença* lhe conferia durante os momentos de calma. Estivera na cidade, quilômetros além, e pouco lembrava do que havia acontecido, de suas ações, dos lugares que tinha percorrido na noite anterior. Conseguia lembrar apenas da saciedade, do vazio agonizante e inconsciente que gradualmente tinha sido substituído pela consciência e pela satisfação. Após suas necessidades terem sido supridas, ele se lembrava de ter olhado o *cadáver* espalhado em vários lugares no chão, despedaçado. As manchas de sangue espalhadas pelas roupas esfarrapadas que vestia, e pelas paredes, e pelo teto. Os móveis destruídos.

A foice artesanal em seu bolso.

Alguém batendo na porta...

Não era o momento de se sentir culpado. Depois de tantas mortes, ele não podia se sentir culpado. Era um predador, e todos os outros eram suas presas.

Exceto a bela mulher na mansão que ficava lá longe, no fim do mundo...

Alguém batendo na porta.

"Ei! Por favor, que... querida... A-bra a... a... porta!"

O odor intenso de álcool e de outras tantas substâncias fermentadas.

"Querida? E-eu... não estou... me sentindo muito bem..."

Um bêbado queria entrar naquele lugar, naquele quarto.

"Querida" era como ele tinha o costume de chamar aquele corpo estراçalhado.

Um bêbado inútil...

"*Va-vamos logo... sua VADIA DE MERDA! Se houver alguém... aí com você, eu VOU MATAR OS DOIS!*"

Sim... alguém tinha estado ali, com sua vadia de merda. Mas, por uma fatalidade, não havia ninguém ali que aquele miserável pudesse matar.

A memória não mais traía o jovem de cabelos brancos, revelando com clareza tudo o que se sucedera a partir daquele instante de sangue e consciência. Ele abrira a porta e revelara tanto sua verdadeira aparência quanto o trágico crime que havia sido cometido naquele apartamento. O homem bêbado, estupefato, foi arremessado com um gesto em uma poltrona próxima, onde desmaiou. Coisas tinham caído de seus bolsos - pacotes, pequenos... De um deles havia escorrido um pó branco, finíssimo.

Excelente, pensara o rapaz transmutado, ao ter deixado a pequena foice, suja de sangue, repousando nas mãos do indigente desacordado.

Ele então partira, infinitamente menor, saltando a janela do prédio elevado que ele nunca vira antes, para dormir em um lugar escuro qualquer, ciente de que não existia a menor chance de que as impressões digitais de uma criatura não-humana de quase três metros de altura e mãos grandes como patas de urso fossem sequer descobertas pela polícia, durante as investigações que seriam levadas a cabo em dias vindouros.

E agora, singrando os céus como um pequeno míssil negro, aproximava-se do velho casarão onde a bela e *estranha* mulher vivia.

Tudo graças à sua doença... e ao seu poder.

Era um vampiro!

Suas asas membranosas, finas, o levavam com rapidez e desenvoltura pela noite infestada de mosquitos, onde até o vento parecia exibir contornos soturnos. Seus sentidos, feitos de gritos e de sons reverberantes, o guiavam pela escuridão. As linhas magnéticas da terra lhe serviam como pontos de referência exclusivos, bem mais precisos do que quaisquer placas de sinalização. Transformado em uma criatura da noite, ele não tinha como se perder.

Uma coruja o havia perseguido por algum tempo, mas não fora difícil despistá-la, afinal a trajetória de vôo dos morcegos é bem mais maleável, digamos assim, do que a das grandes aves.

Diziam as lendas e fábulas dos humanos que os vampiros tinham o poder de controlar as criaturas da noite, corujas, lobos e morcegos...

Pobres humanos - que sabem eles a respeito dos vampiros?

Uma coruja com fome é sempre uma coruja com fome. E o vampiro dava graças a Deus por ter conseguido despistá-la rapidamente. Uma luta aérea contra uma ave de tal porte poderia ser fatal, até mesmo para uma entidade com os seus poderes.

Mais tarde, percebendo algo de estranho na forma como os sons retornavam aos seus ouvidos, o morcego desceu em uma ravina, não muito distante do grande sobrado, onde havia alguns arbustos altos, entre outras coisas. Sentindo-se seguro, pois estas outras coisas *não se moviam*, o quiróptero desceu como uma folha seca que cai, o ruflar de suas asas tão aparentemente desconexo que dava a impressão de que ele havia sido alvejado em pleno vôo.

Aproximou-se de um galho em uma pequena árvore, para onde se projetou com velocidade e absoluta precisão, dependurando-se com seus dedos finos, de ponta-cabeça. Era a hora de ser rápido - seus atuais sentidos funcionavam com

total precariedade quando estava no solo ou em um lugar não muito elevado, o que o tornava uma presa fácil para qualquer *outra* criatura notívaga. Pensando e se movimentando como morcego, ele se agarrou de galho em galho, descendo desengonçado pelo arbusto, até chegar ao chão.

Seu corpo então começou a crescer e a se modificar, induzido a tanto por um instinto que nada tinha em comum com os demais morcegos...

Nu, entorpecido, o jovem de cabelos brancos procurou ajustar a vista às numerosas fontes de luz, aos novos padrões de cor que assomavam pelo lugar inteiro à medida que sua metamorfose ia acontecendo.

Era sempre tão difícil, tão estranho, ter que deixar de ouvir as imagens e passar a vê-las... Seus olhos ardiam, e ele sempre era acometido por uma surdez repentina e momentânea, dada a escassez de sons que podiam ser captados em sua forma humanóide.

Em noite muito frias, chegava a sentir dores-de-ouvido, muito difíceis de controlar, principalmente caso não estivesse com o corpo quente, cheio de sangue.

Ele cambaleou, girando o corpo em falso, sem ter como depender mais do esquema tridimensional, táctil, de sons. Caiu ao chão, onde se encolheu, levando as mãos à cabeça. A respiração, os batimentos cardíacos, todos os movimentos de seu corpo eram desacelerados, uma, duas, três vezes... Era necessário que se concentrasse e retomasse o controle do próprio corpo, agora em forma humanóide, detectando e interpretando corretamente seus novos sentidos. A mente se desenvolveu e, em segundos, o raciocínio mais lento tomava o lugar do instinto na velocidade da luz, modificando o modo de ser e de agir do vampiro, que elevou a cabeça e piscou as vistas para poder ver o que se encontrava em redor.

Lembrou-se das coisas que havia apalpado indiretamente por intermédio do som, enquanto morcego. *Coisas que não se moviam.*

Coisas bastante familiares.

Roupas!

Estava nu.

Como sempre acontecia depois das metamorfoses, ele estava nu.

Precisava vestir algo.

Mas... *quem* havia trazido roupas para aquele ponto do matagal?

Enquanto procurava pelas roupas, tecidos maleáveis, finos, pouco compactos, dispostos de forma regular sobre uma outra superfície, muito densa, com formato quase oval... *uma pedra*, o homem nu se lembrou de que tinha bebido do próprio sangue, na noite anterior, o que contivera por algum tempo sua fome assassina. Era o que *o seu mestre* o tinha ensinado a fazer sempre que a situação se tornasse crítica, e a fome, insuportável.

A reciclagem do próprio sangue, já rarefeito de oxigênio e de quaisquer outras propriedades nutritivas, nos momentos de desespero, servia de paliativo, procrastinando a crise, deixando tudo para depois.

Havia, contudo, efeitos colaterais: o sangue pobre, podre, enganava o paladar e acalmava momentaneamente a sede, mas em seguida...

As *dores* tinham começado assim que ele se utilizara deste expediente pela primeira vez. Tempos atrás, vagara pelo deserto, onde a maior parte das criaturas possui seiva, e não sangue, em seus corpos. Buscava redenção de seus pecados, por assim dizer. A fome era desesperadora e *seu mestre* não estava mais ao seu lado para orientá-lo.

Ele passou muitos dias se alimentando de si mesmo naquela época, em que seus sentimentos mais humanos e egoístas o tinham levado a pagar pelos erros dos outros. Canibalismo, autofagia, loucura. Hoje em dia, restavam as seqüelas.

Nunca sentira as dores antes disso. Por mais estranho que isso pudesse soar, ele era um vampiro com problemas de saúde. E não havia um só médico no mundo que fosse capaz de diagnosticar sua doença, sem que arriscasse a própria vida, o próprio pescoço, durante o processo.

Bem. Pelo menos não sentia as dores *agora*.

Girou a cabeça, procurando as roupas. A pedra em formato de sabonete... Lá estavam!

Levantou-se, e caminhou pisando a mistura de relva, folhas secas e barro que forrava o chão daquele bosque.

A pedra não era assim tão arredondada quanto seu radar de morcego lhe tinha revelado. Camadas de musgo e líquens a cobriam, junto de uma pilha de roupas. Uma camisa, uma blusa de gola comprida, um par de calças *jeans*, sapatos, meias...

Será que *milady* tinha trazido as roupas até aquele lugar?

Vestiu-se e dirigiu o olhar para a luz das lâmpadas que lançavam fochos amarelados em meio ao arvoredo, protegendo a vista sensível com a palma da mão.

Como uma sombra, aproximou-se do casarão. À medida que sua visão melhorava, foi identificando os postes toscos e os cabos que iam de encontro ao pequeno casebre, onde o insistente gerador podia ser ouvido de longe, mais estável desta vez.

A luz do quarto onde passara um dia inteiro estava acesa; a janela, aberta. Uma mistura de odores diversos descia do quarto até o ponto onde ele estava, trazida por uma obediente corrente de ar.

O rapaz de cabelos brancos se aproximou da parede do casarão, bem abaixo do quarto aberto. Colocou as mãos na parede, e a seguir os pés, e começou a subir. Havia muito, seus poderes tinham permitido que decifrasse os mistérios da gravidade e da massa, que permitem que os corpos se situem uns acima dos outros no espaço, e ele usava estes conhecimentos em causa própria, redirecionando o próprio peso, e subindo pelas paredes, literalmente.

Apenas uma condição se fazia necessária para que os cheiros viessem ter ao seu encontro e para que seu corpo se tornasse leve como a fumaça... Devia haver *sangue* circulando em suas veias, pulsando em seu coração.

Muitos litros de sangue humano.

Sangue quente.

E uma certa dose de concentração.

Desistindo de andar de quatro, ele simplesmente correu pela parede, pisando-a com suas duas pernas fortalecidas, enquanto saboreava alguns segundos de total distorção das leis físicas.

Tendo vencido os cinco metros que separavam a grande janela do chão, o vampiro se posicionou paradoxalmente ereto na diagonal junto ao parapeito, girando a si mesmo como se seus pés fossem o único eixo e ponto gravitacional a ser considerado, projetando-se afinal para o interior do aposento iluminado, sem nenhuma cautela, de um salto, com seu corpo sendo incrivelmente transportado pela brisa servil até o centro do quarto.

O quarto estava limpo. Escuro como de costume, mas limpo.

Enquanto olhava para a mobília soturna, tentava lembrar do que havia ocorrido naquele local, duas noites atrás.

O vaso... o envelope com a pequena foice feita de ossos...

O espelho que não permitia que visse seu próprio reflexo.

O sangue... seu sangue.

Olhou para trás, entre a janela e a imaculada mesa de toucador.

Sim, o quarto estava limpo. Não havia nenhum fragmento do espelho no chão. A cama estava feita, e a mesa de toucador vazia. Nem sinal do vaso branco, nem do envelope, e nem do espelho oval.

O jovem não conseguia se recordar de ter havido uma cadeira naquele quarto, antes, mas caso houvesse, ela não estava mais ali, e as lembranças a tinham reduzido a meros fragmentos pontiagudos de madeira. Não conseguia lembrar direito o que havia acontecido quando a fome tomara conta de seu corpo.

Lembrava-se apenas do sangue... e da dor.

Aprensivo, identificou a larga mancha escura no piso, no ponto exato onde desabara, ferido e curado pela insanidade que dominava sua vida, o líquido vermelho a vazar da ferida que já não passava de uma fina cicatriz em seu pulso.

Alguém tinha limpado o lugar, revelavam-lhe seus sentidos peculiares. Sim, alguém tinha feito uma faxina, removendo tanto os pedaços do espelho quanto os restos da cadeira de madeira, cuja imagem ele ainda tentava ver, junto à mesa de cabeceira.

Alguém tinha limpado o lugar... *mas não o sangue!*

Seu sangue, vivo, maldito... Seu sangue estava agora *em algum outro lugar*.

Um corpo... ele podia ver as imagens do passado dançando à sua frente, seu sangue frio, misturando-se ao sangue quente de uma outra criatura. O líquido nocivo, que havia envenenado as veias e artérias de um outro ser que cometera o erro de prová-lo. Uma grande forma... humana... uma pessoa!

A mulher!

Como um louco movido pelo vento, presas à mostra, o jovem de cabelos brancos atirou-se em direção à porta do quarto, disposto a arrebatá-la caso ela ainda estivesse trancada.

Girando a maçaneta, ele descobriu que não estava.

Penetrou no corredor, concentrando-se nas emanções familiares oriundas do sangue que lhe pertencera. Sabia que as moscas nojentas tanto quanto os vermes e decompositores mais perversos recusariam a se aproximar de seu sangue contaminado. Não existia decomposição para um vampiro, e muito menos para o seu sangue imortal. Havia apenas a transferência, como o mestre dissera antes, empregando um vocabulário complexo. Vampiros eram como a água que se evapora quando o calor a aquece. O sangue é separado do corpo, procurando refúgio do calor, do fogo, e de certos tipos de irradiações. Transforma-se em gás, ou em poeira, espalhando-se com o vento, perdendo suas propriedades, tornando-se inofensivo. Resta apenas a fisionomia esquelética, ressequida, do que outrora havia sido uma peste, um vampiro.

Mas ele não tinha tempo para pensar. Apressado, flutuou em passos largos corredor adentro, farejando a linha tênue que era identificada pelos seus instintos. O que restava de sua sexualidade, de sua humanidade, o impelia a correr, a fim de impedir uma tragédia, ou pelo menos tentar.

Mentira! Havia *algo mais* naquela mulher, e em seu velho pai.

Algo repulsivo, na carne... *no sangue* de ambos.

Algo que o impedira até mesmo de pensar em atacá-los.

Ele entrou pela primeira passagem que viu, procurando imaginar o que de fato estava acontecendo.

* * * * *

O rapaz de cabelos brancos encontrou afinal a bela dama, que o conduziu através de caminhos tortuosos e lúgubres, muitos deles parecendo terem sido escavados em rochas duríssimas, até uma espécie de compartimento secreto, intercalado por duas portas, a primeira delas levando diretamente ao corredor escuro, que fedia a podre, pelo qual o velho disforme, que era o pai da moça, o havia guiado durante a noite de tempestade em que adentrara o casarão pela primeira vez.

Pelo caminho, conversaram, e ele ficou sabendo da deformidade que acometia a ambos, tanto pai como filha - uma espécie de degeneração profunda e contínua das células, que se originava de um distúrbio provavelmente residente no sangue - algo como uma anemia aguda, rapidíssima, que afetava primeiro a corrente sangüínea, estendendo seus efeitos depois a todos os demais tecidos do organismo.

A mulher não sabia lhe dar mais detalhes a respeito da doença, mas mesmo assim, de posse da maior parte de sua humanidade, o rapaz albino sentiu um grande pesar.

Isso explicava a sensação, o estranho instinto que o impedia até mesmo de querer tocá-la, que ele a princípio julgou ser alguma forma de respeito, ou mesmo carinho. Na verdade, era a deformação constante nas células sangüíneas dela e do pai que tinham bloqueado seu desejo latente de se aproveitar da oportunidade de possuir seus corpos, mesmo estando com tanta fome, e sentindo tantas dores.

O sangue deles funcionava como *um repelente para vampiros!*

Também descobriu que sua anfitriã sabia quem, ou o *quê* ele era de verdade...

"... você é uma criatura da noite, de verdade, como aquelas de que nos falamos as lendas. Eu sei..."

... e que, tal como ele, pai e filha doentes também necessitavam de reposições contínuas de sangue, que poderia tanto ser ministrado por via intravenosa quanto ingerido oralmente, servindo para retardar o avanço da moléstia, anuviando em parte os seus efeitos.

No compartimento, semelhante a um pequeno depósito, sentaram-se em duas banquetas improvisadas com velhos caixotes de madeira. O lugar não passava de um túnel cavado na terra, sustentado por uma estrutura informe de tábuas, calços e colunas de madeira grossa, que naquele ponto havia sido alargado e toscamente incrementado com velhos equipamentos elétricos e mecânicos e pilhas de sucata, talvez tendo em vista oferecer algum conforto e funcionalidade, ou simplesmente alguma lembrança do mundo da superfície.

Ficaram em silêncio alguns instantes.

O cheiro de humo impregnava o ambiente. Minhocas e insetos podiam ser encontrados rastejando entre camadas fofas de terra, circundando as pegadas de

ambos. Raízes pendiam do alto como lustres, cercando a única lâmpada de verdade, a qual descia torta no centro do aposento, os cabos de luz que a alimentavam, juntamente com outros tantos de espessuras variadas, indo e voltando pelas ramificações do túnel, presos aqui e ali no teto por grampos de metal e braçadeiras quase invisíveis. Camadas de limo e musgo deixavam as paredes verdes em alguns pontos, ao passo que em outros, pedaços cinzentos de laje duríssima transpareciam.

Percebendo que seu sangue corria dentro das veias da mulher, o vampiro rompeu o silêncio e inquiriu-a, desejando saber como ela o havia reconhecido.

"O espelho... Na primeira noite, quando o guiei ao seu quarto. Eu vi que não havia nenhum reflexo no espelho. É... é assim que acontece. É como nos contam as lendas."

... e por que ela tinha bebido de seu sangue, se sabia o que ele era.

"Não somos melhores do que zumbis, eu e meu pai", disse-lhe a dama, sua voz soando vazia, sem emoção alguma. Seu vestido branco, coberto de manchas escuras de terra e de sangue coagulado. Seu cabelo, antes vistoso, agora seco e sem vida, e as olheiras profundas realçadas pela pouca luz... nada obscurecia sua beleza, o tom cristalino de sua tez.

... e nem a repulsa que o vampiro sentia ao observar com olhos de raios-X a repugnante mistura de sangue e peste, desenrolando-se tal e qual um triste espetáculo de degeneração e morte, dentro de veias e artérias, dentro do coração da jovem.

O velho mordomo surgiu, claudicando pela passagem por onde o casal antes viera, e a mulher se levantou para ampará-lo. Seu rosto branco, as carnes flácidas, mortas, repelia apenas em ser visto. Vestia os mesmos trajes negros, esfarrapados, que o rapaz havia visto na noite em que ali chegara. Balbuciou algo em uma língua que o jovem de cabelos brancos não podia compreender. Depois começou a tossir, e foi levado pela filha para algum lugar mais adiante, desaparecendo com ela dentro do túnel.

Minutos depois, voltava ela, como um fantasma solitário, caminhando a passos leves de encontro ao rapaz. Sentou-se novamente na pequena bancada, e cobriu o rosto com as mãos. Seus cabelos se esparramaram em volta de seu corpo, e caíram ao chão, os fios claros se misturando com a terra escura.

O silêncio imperou absoluto, novamente, por uma eternidade que durou não mais do que alguns minutos.

O vampiro então comentou que não poderia ajudá-la. Não sabia curar doenças... Apenas as transmitia. Não passava, ele sim, de uma pestilência ambulante. Trazia a dor e a morte consigo, e as disseminaria aonde quer que fosse.

Como um ser de natureza tão grotesca poderia ajudá-la?

Levantando-se, ela se aproximou, olhando-o profundamente. Ele via seu próprio sangue flutuando em torno das maravilhosas pupilas azuis da moça, tornando seus olhos róseos, faiscantes. Perigosamente provocantes.

Via também a face pálida e cadavérica, os olhos negros e vazios da morte. E sentia o seu cheiro, procurando conter a náusea que este lhe causava.

"Meu pai é, ou foi um importante homem da ciência. Foi devido ao uso da ciência que fomos transformados nisso que somos, mas também foi graças à ciência que temos sobrevivido... A ciência, e a sobrevivência, contudo, têm cobrado um preço muito alto. Não somos melhores do que os piores criminosos, ou do que você..."

Silêncio.

"Alguns anos atrás, quando se deu o incidente que ocasionou nossa doença, descobrimos que precisávamos matar para obter sangue vivo e quente, em quantidade abundante, que era necessário tanto para que permanecêssemos vivos quanto para que meu pai prosseguisse em seus estudos, procurando uma cura que nunca foi encontrada. Você deve lembrar do recorte de jornal de cinco anos atrás, e da foice no envelope em seu quarto..."

A memória do vampiro não o traiu, e ele vislumbrou em pensamento a pequena arma feita de ossos, o bilhete e o pedaço de jornal... O jornal era de *cinco anos atrás!* Dominado pela sede e pela dor, ele nem percebera naquela ocasião o quanto o papel daquele recorte era velho...

"Fiquei obcecada com a possibilidade de... de obter uma cura por intermédio do seu sangue. Conversei com papai durante aquela mesma noite, e mesmo tendo ele se oposto a princípio, consegui convencê-lo e pude agir durante o dia. Pensei inclusive em... matá-lo... Procurei até mesmo as armas certas..."

O rapaz sentiu um calafrio. Agora entendia porque seus sentidos não tinham detectado a presença de nenhuma cadeira naquele quarto em que havia passado a noite.

Os fragmentos de madeira que havia visto em um relance, junto ao espelho...

Afixados com tiras de couro na parte de trás do suporte metálico que segurava o espelho.

Ela soubera desde o principio o que estava fazendo, e havia deixado tudo pronto.

Estacas. Mortíferas. Letais.

Fáceis de serem alcançadas, feitas com partes de uma inocente cadeira.

A mesma cadeira escura que ele havia visto ao ter entrado no quarto pela primeira vez, a qual nunca mais vira.

"Mas, não sei o que poderia acontecer caso eu tentasse. Não sei se as lendas estão completamente certas mas acredito que... que vocês devem possuir muita força. Um poder imenso. E, talvez, caso eu... fizesse algo, um movimento errado..."

Respondendo ao olhar inquisitivo da mulher, o vampiro de cabelos brancos aquiesceu com um leve aceno de cabeça.

Vampiros, segundo um certo nível de conhecimentos que o jovem albino havia adquirido sobre o assunto, não eram seres malignos, vindos do inferno. Porém, de fato, ela não teria uma segunda chance de eliminá-lo, caso falhasse na primeira tentativa. Ter um vampiro como inimigo não é apenas uma promessa de morte breve e certa - é uma garantia.

"Desculpe-me... Perdoe-me, por favor, mas foi o que eu pensei em fazer. Deve entender que estamos desesperados. De qualquer modo, graças a Deus, mudei de idéia. Enquanto você dormia, escrevi o bilhete e coloquei-o junto com o recorte de jornal e com aquela velha arma indígena, dentro de um envelope. Não pensei muito a respeito do que você pudesse sentir ao ver tais coisas, mas eu sei que as estações de rádio andam noticiando as mesmas histórias de cinco anos atrás... As mesmas marcas de garras de animal que a imprensa havia divulgado tempos atrás. A diferença é que, hoje em dia, não somos nós que estamos fazendo isso."

Momentos de silêncio.

O rapaz sentia um misto de temor e admiração enquanto seus olhos fixos e poderosos perscrutavam os da mulher.

Estava diante de uma assassina. Como ele próprio, ela também era uma canibal, e era provável que agisse pensando praticamente apenas na própria sobrevivência. A força de vontade dela, que lhe devolvia um olhar sereno e aparentemente indecifrável, era espantosa, e ele soube que ela faria tudo o que fosse possível para salvar a si mesma e ao seu pai.

"Temos sobrevivido nos últimos cinco anos empregando alguns preparados feitos pelo meu pai a partir de misturas de diversas substâncias químicas do sangue de animais silvestres. Possuíamos um patrimônio respeitável há alguns anos, mas essa maldita doença vem pouco a pouco nos arruinando... Mas isso não vem ao caso. Desconfio que tenha sido você o autor das mortes que os jornais andam divulgando desta vez..."

Mais um olhar em tom de indagação de parte da mulher. Mais um aceno positivo vindo do rapaz, que abandonou de vez a prudência e explicou a ela como havia sido a sua rotina de vida durante as últimas semanas. Seus sumiços noturnos; a funcionalidade do alçapão secreto na pensão, onde passava os dias; as visitas rotineiras à delegacia, e a "doença" de pele que fazia com que fosse solto muito antes do raiar do dia; as mortes...

"Compreendo. Levando em conta todos estes fatos, Acredito que você soube exatamente o que fazer com a foice, de modo que agora você deve possuir um álibi muito forte a seu favor. Também tenho certeza que alguém poderá vir a pagar por uma porção de crimes que não cometeu."

Ela se levantou do caixote de madeira. Respirou fundo.

"Todos nós acabamos, vez por outra nesta vida, pagando pelos erros que não cometemos... mas poucos de nós pagam pelos crimes que realmente cometeram."

Observando-a fixamente, o jovem vampiro imaginava o quanto ela já possuía de seu poder, caso assim fosse. Traços no sangue, tais como alterações repentinas de cor e textura, e desacelerações na pulsação, eram tão perceptíveis para o rapaz quanto o envelhecimento precoce que afetava continuamente a pele e os cabelos, já brancos, da mulher. Contudo, tudo isto poderia não passar de um efeito colateral da composição criada a partir do preparado feito a base de sangue de animais silvestres ao qual ela havia se referido, misturado ao seu próprio sangue vampírico, tudo isso somado à peste e às suas conseqüências, desconhecidas para ele.

Décadas mais velha do que quando ali tinham adentrado, a dama se virou, acelerando sua pulsação, e encarando-o de frente.

"Ajudei-o. Livrei-o de uma porção de problemas com a polícia. Salvei sua reputação. Agora é a sua vez de nos ajudar..."

O rapaz fez menção de se levantar para protestar, mas ela o conteve, aproximando-se, e colocando a mão feia, um dos dedos compridos, pele seca, encarquilhada, fria, sobre sua própria boca, em sinal de silêncio. A outra mão foi apoiada no ombro dele, fazendo leve pressão, exigindo que ele permanecesse sentado.

"Você não pode negar-me este favor... Esta bênção. Conheço todos os detalhes mitológicos a respeito de sua raça, de modo que, assim como convidei-o a entrar em minha casa, convido-o agora a permanecer conosco, como manda a tradição de hospitalidade."

- Além do mais, você não pode mais me abandonar... - ela cercou-o, envolvendo-o com um abraço tão terno quanto nauseante. - Eu já sou uma de suas seguidoras.

* * * * *

Raiou o dia. O sol nasceu.

Por alguma boa mágica, um dos mistérios da natureza, a chuva ressurgiu do nada, contrariando as previsões de muitos especialistas, e a tempestade voltou para arrasar novamente o frágil mundo dos homens. Pequenas nuvens, desfiadas pelo vento, transformaram-se em uma única e onipotente camada de vapor cinzento, vento e relâmpagos, que fazia a imaginação dos vivos funcionar, enquanto estes olhavam apavorados para o céu e calculavam os prejuízos que a catástrofe climática poderia vir a causar desta vez, sem sequer perceberem que a tempestade fazia parte do metabolismo do mundo, e que o caos temporal que tanto os amedrontava era também um dos principais responsáveis pela manutenção da vida na Terra.

Não havia ninguém vivo naquela mansão sombria, rodeada por pálidas árvores-esqueleto, por capim seco, por fungos e líquens.

Novamente, não havia ninguém realmente importante vivo ali. Traços de vida sedentária eram notáveis nas árvores-esqueleto, nos fungos e líquens, e nos vermes e insetos que rastejavam por entre as rochas.

Nada além disso. Vestígios de vida, cercados de decadência e morte.

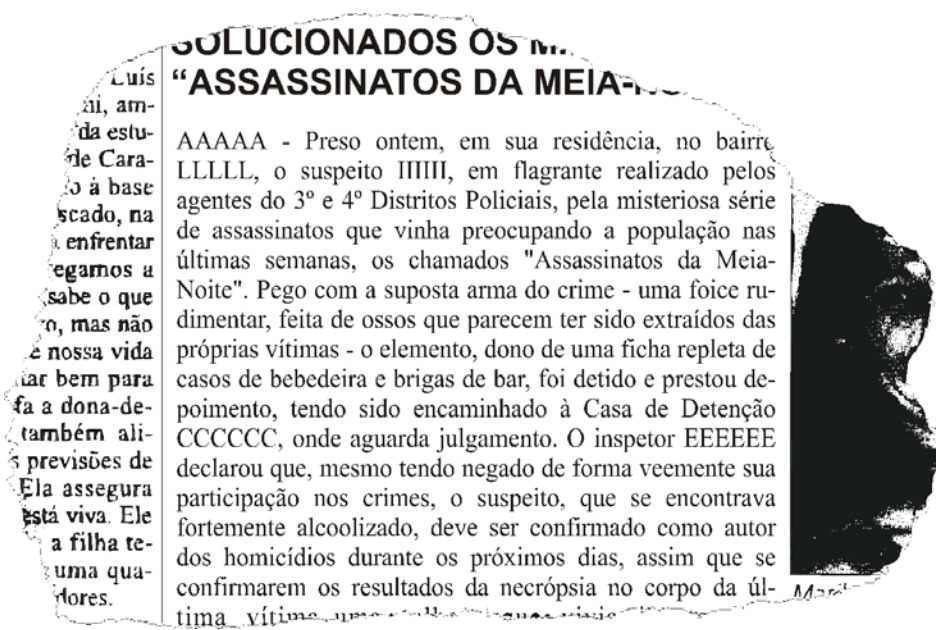
Três dos mortos daquela casa viviam, entretanto. Contrariando grande parte do que diziam os limitados conhecimentos humanos, tais seres não-vivos perambulavam pela escuridão subterrânea, enquanto aguardavam que a noite tornasse a cobrir com suas sombras aquele lado do mundo, para que pudessem transformar os pesadelos dos mortais em realidade, em nome de suas próprias existências.

Três dos mortos daquela casa estavam *realmente* mortos, tecnicamente mortos, e no entanto viviam, trazendo os sintomas de uma morte infame, amaldiçoada, em seu sangue. Prazeres diversos e uma única necessidade marcavam as suas carnes. O *sangue* que não lhes era possível produzir ia aos poucos se esvaindo, sendo compartilhado pelos três corpos impregnados de morte, tornando-se viciado, consumindo-se, impregnando de energia seus músculos sólidos e ressecados, e suas mentes com a insana avidez do vício.

Três dos mortos daquela casa viviam, e regozijavam-se em meio a rituais de sangue e lealdade, rejuvenescendo as próprias carnes com a doença da alma.

Três dos mortos daquela casa viviam, finalmente eternos.

Sairiam os três mortos-vivos mais cedo, talvez até mesmo antes daquele dia terminar...



* * * * *

Alguns meses depois, uma caravana de estudantes do primeiro grau de uma conhecida e influente escola da cidade retornava de uma excursão ao "Velho Casarão", novo ponto turístico da região, cujo acesso havia sido garantido recentemente por intermédio da limpeza e restauração de uns tantos trechos da velha rodovia municipal que para lá levava, promessa festeira de campanha eleitoral que estava sendo cumprida de pronto pelo prefeito recém-eleito, mantendo-se o conhecido padrão de conduta democrático que dita que o bom prefeito cumpre metade de suas promessas menos significativas nos primeiros dois meses após ter tomado posse, e a outra metade durante o restante do mandato, sem jamais conseguir cumprir as promessas realmente importantes.

A excursão, prevista para dois dias e duas noites, teve seu término decretado logo após a primeira noite.

Os responsáveis, jovens professores, com idéias modernas e profundo apego aos cômodos preceitos científicos, pareciam ter adquirido um súbito gosto pelo oculto. Apavorados, rezando sem parar para os mesmos deuses que tinham ignorado pela vida inteira, não encontraram outra alternativa que não fosse relatar os motivos de tamanho desespero às autoridades, assim que chegaram de volta à cidade, com o único ônibus da excursão lotado de estudantes adolescentes, em sua maior parte filhos de gente importante, todos alvoroçados, chorando e gritando, movidos pela histeria, e segundo um dos policiais, "prontos para o manicômio!"

A excursão voltava incompleta, de acordo com um dos professores - o único que ainda conseguia manter o controle, sem que para tanto precisasse de fartas doses de calmantes e sedativos. Dois dos estudantes, um rapaz e uma moça, namorados, tinham penetrado no casarão durante a noite, contrariando as determinações impostas pelos instrutores, como é de se esperar que sempre

aconteça em acampamentos de adolescentes. E, como também é normal que ocorra, ao que parecia, quiseram mostrar coragem aos demais colegas, respondendo a algum tipo de desafio proposto por estes. Algum tempo após o casal ter desaparecido dentro do grande e fétido corredor foi que finalmente aconteceu algo atípico para um acampamento de adolescentes, onde quase tudo o que não é esperado acaba acontecendo. Do lado de fora do casarão, os colegas puderam ouvir *os ruídos* - gritos humanos, de pavor, e rosnados horríveis que nada tinham de humano, vindos de muitos lugares no interior do casarão. Os rosnados bestiais soando tão alto que acabaram chamando a atenção de todo mundo no acampamento.

Apesar de negarem terminantemente que tivesse existido alguma proibição ou intervenção à entrada do casal no casarão de parte dos professores (*"Eles estavam dormindo, dois deles juntos, na mesma barraca! Devem ter ouvido os rugidos, mas só vieram ver o que estava acontecendo depois de os termos chamado!"*), os alunos que conseguiam falar, confirmaram a versão destes no concernente ao barulho, e não satisfeitos, adicionaram detalhes, sons de batidas, estrondos, gemidos... sons de *lâminas penetrando na carne*.

Não que algum daqueles adolescentes, todos de olhos muito arregalados e suando frio, tivesse visto alguma lâmina penetrar na carne de alguém.

Fosse como fosse, era a vez dos policiais se aventurarem no Velho Casarão. Cinco viaturas, uma ambulância e mais dois carros civis seguiram pela estrada afora, formando uma ruidosa procissão, luzes e faróis e sirenes transformando o caminho escuro em luz e cor.

A estrada ainda passava pelo processo de restauração, e uma multidão de placas, tratores e caçambas cheias de entulho ainda obstruíam parcialmente a via em alguns pontos. Contudo, os troncos e demais vestígios de vegetação já tinham sido removidos. O *"caminho do fim-do-mundo"* estava novamente acessível.

Assim que chegaram, alguns carros estacionaram na estrada, e seus tripulantes desceram para abrir os grandes e velhos portões que permitiam o acesso ao amplo pátio do casarão. Os carros foram postos em marcha novamente, e em segundos, uma multidão de policiais, médicos, enfermeiros e mais outros tantos indivíduos vestidos à paisana tomavam conta do terreno, inspecionando os arredores, recolhendo coisas deixadas aqui ali acolá pelos jovens amedrontados, investigando as barracas deixadas armadas pelos professores, dando ou recebendo ordens, discutindo, manipulando instrumentos e aparelhos, ou simplesmente observando.

Algumas pessoas choravam, revelando um grau de parentesco próximo para com algum dos dois desaparecidos. Lanternas e *flashes* de relâmpagos e câmeras fotográficas iluminavam à tarde escura, coberta pelas mais densas nuvens, que pareciam prenunciar o avanço inclemente de outra tempestade.

Alguém disse detestar ter que trabalhar debaixo de tempestades. *"É melhor começar a se acostumar..."*, foi a resposta ríspida que ouviu de volta, muito provavelmente de alguém que portava uma patente superior à sua.

Meia hora depois, chegou um furgão da imprensa. Uma veloz correspondente de microfone em punho e cabelos esvoaçantes estava predisposta a entrevistar qualquer um nas imediações, sempre seguida por um incansável e atento homem de cor que carregava uma filmadora portátil nos ombros, quase submergindo-a em sua vasta e alta cabeleira.

Uma mulher que chorava começou a ter convulsões, e as pessoas que estavam próximas tentavam em vão consolá-la, até que alguns médicos e enfermeiros aproximaram-se, encarregando-se dela e levando-a para a ambulância.

Os policiais passaram a invadir o casarão, chutando as portas e janelas que estivessem trancadas, ao passo que um grupo de cinco homens já explorava o sombrio corredor de entrada, pois a porta dupla frontal fora encontrada aberta.

Alguém dentro do corredor resmungou alguma coisa, praguejando contra o mau cheiro.

Ouvia-se muitos berros e ordens, e os *walkie-talkies* funcionavam sem parar.

A repórter e seu incansável escudeiro tentavam seguir qualquer um daqueles intrépidos destacamentos que invadiam a casa, em vão, pois eram logo barrados por grupos de homens à paisana. Alegavam "*liberdade de imprensa*", mas os agentes falavam mais alto: "*Entrada proibida até que o interior do lugar tenha sido vistoriado. Razões de segurança.*"

Cerca de três horas após, os policiais uniformizados abandonaram o casarão, saindo em grupos, lanternas acesas nas mãos, revólveres nos coldres. Traziam expressões indecisas nas faces.

Os parentes das vítimas, ao ouvirem as novidades transmitidas pelo comandante de um dos destacamentos, recomeçaram a chorar, reconhecendo o teor pouco esclarecedor de tais informações. Dois homens perderam o controle e passaram a brigar entre si, tendo de ser separados à força pelos agentes à paisana.

À imprensa, "*nada a declarar*", e "*a entrada continua proibida...*", seguidos de alguns empurrões de pouca contundência, sem maiores esclarecimentos. Coisas de polícia, que deixavam a repórter com uma louca vontade de soltar uma porção de palavrões ao vivo e em cores, em rede nacional.

O próximo boletim informativo televisivo teceria breves comentários tanto a respeito dos chamados *Desaparecimentos no Velho Casarão* - manchete de capa de alguns jornais impressos do dia seguinte - quanto em relação ao *Abuso de Poder* de parte das autoridades que investigam o caso, impedindo o acesso da imprensa e do público em geral às informações pertinentes ao mesmo. Este segundo assunto viria a ser manchete de capa de muitos jornais impressos durante *a semana inteira*, sendo apresentado em horário nobre, edição especial, imagens e entrevistas exclusivas, depoimentos de especialistas, etc. e tal.

A notícia? A notícia era o excesso de autoridade! Algo inconcebível em um estado de democracia, em que o direito de ir e vir é soberano, blá, blá, blá... E, afinal de contas, quem quer saber de dois estudantes desaparecidos?... Coisas da imprensa, que deixavam a opinião pública atenta à intriga, e os representantes da força policial de cabelos em pé.

Mas isso tudo aconteceria mais tarde.

Naquele início de noite, após mais meia hora de discussões, ânimos acalorados e calmantes distribuídos gratuitamente, os carros se puseram em marcha, motores roncando, sirenes sibilando, retornando pela estrada pela qual tinham vindo, todos menos um.

Uma das viaturas de polícia ficava para trás, colada ao portão de entrada da mansão, e junto com ela, dois dos guardas uniformizados, que tinham recebido instruções específicas para manterem o local sob severa vigilância, reportando imediatamente caso percebessem alguma movimentação suspeita nas redondezas.

Possuíam permissão para atirar, caso fosse necessário.

O sol acabou indo se esconder atrás do horizonte, soterrado por toneladas de nuvens. Veio a noite. O tempo passava e a tempestade era empurrada cada vez mais para longe pelo vento calmo que fazia o capim oscilar.

A certa altura, na primeira hora da madrugada, um dos policiais acordou o outro. Seus olhos estavam arregalados, e ele jurava "*em nome de Deus e de Cristo*" ter visto uma mulher passar correndo em frente ao casarão.

"Uma mulher vestida de branco, com um véu comprido, que brilhava e balançava com o vento enquanto ela corria. Parecia um fantasma..."

O outro piscou algumas vezes, espreguiçou-se outras tantas, bocejou e mandou-o dormir, pois ele estava com muito sono, e quem fica com muito sono acaba ficando maluco.

- Ah, é? Veja você mesmo, então! - declarou o primeiro, apontando em direção ao casarão.

Uma voz... feminina, que lembrava um canto, ou um lamento.

O segundo guarda se levantou do assento do carro-patrolha, curioso com o que estava ouvindo. Viu, tão incrédulo como seu colega, uma figura esbelta, dançando e cantarolando pelo terreno defronte a casa grande. Uma mulher de cabelos claros, muito compridos, e vestido branco, descalça, iluminada pela luz da lua, pisava a relva com graça e leveza, em movimentos delicados de dança, indo de um lado para o outro e volta e meia cruzando a deteriorada calçada de pedra que dividia o pátio, servindo de acesso à entrada do casarão. Parecia estar cantando, mas nenhum dos dois policiais conseguia ver sua boca abrir ou fechar, talvez por ela estar muito distante de ambos...

- Isso não... é véu coisa nenhuma... - grunhiu baixo o policial que há pouco despertara. - É o *cabelo* dela!

- Estou pouco me lixando... - disse o primeiro. - O que devemos fazer?

O outro se pôs de pé, impetuoso...

- Ora... Faremos o que *deve* ser feito.

... e caminhou até a viatura, acendendo os faróis e os sinalizadores intermitentes, que começaram a girar produzindo a velha conhecida seqüência giratória de luzes azuis e vermelhas. Saiu do carro carregando um megafone, que rugiu em monaural, destruindo a placidez da noite.

- Você, perto do casarão, deve permanecer onde está! Aqui é a polícia!

Em resposta à ordem, a mulher deu mais alguns passos de dança, rodopiou quase como se flutuasse, e saltitou corredor adentro, sumindo de vista. Segundos depois foi que a cantilena etérea cessou, sendo substituída por um risinho curto, e afinal, o silêncio.

Aos dois homens restava tomar coragem e ir investigar. E foi o que fizeram.

Trêmulos, sacaram suas pistolas, e também suas lanternas. A lua resolvera sumir de vista junto da estranha bailarina, e levara toda a sua luminosidade consigo, transformando a noite em uma sombra só. Empurradas por ventos cada vez mais fortes, nuvens negras e pesadas tomavam novamente conta do céu.

Movendo-se com relativa cautela, os policiais se aproximaram da entrada do casarão, olharam em volta, e por fim penetraram de assalto no extenso corredor.

Instantes depois, a porta dupla de entrada rangeu seus gonzos, e fechou-se com um estrondo. Entalhados na madeira espessa, os grotescos motivos que ornamentavam a porta fulgiram, iluminados pelo primeiro raio que caiu na noite.

Os gritos e rugidos no interior do casarão podiam ser ouvidos ao longe...

CLONES

*"Somos todos clones
Todos são um e um são todos."*

Alice Cooper

Ruídos em um local de pouca iluminação.

Tiras de couro sendo puxadas; presilhas e fivelas de metal mordendo o couro, agarrando-o para não soltarem mais.

Dispositivos sendo acionados. Zíperes sendo puxados juntos. Botões de pressão estalando em um só clique ao serem apertados quase todos de uma vez.

Cordões são amarrados de modo idêntico por muitas mãos revestidas por luvas também idênticas, escuras, marcadas com linhas claras.

Elmos negros cobrem juntos um contingente inteiro de cabeças. Visores também negros são baixados, cobrindo trinta rostos de um só golpe.

Faz-se o silêncio.

Teclas de látex são pressionadas por dedos ágeis em uma seqüência complexa. Diferentes tipos de *beeps* soaram, à medida em que os botões eram pressionados.

Uma das lâmpadas fluorescentes do teto estava piscando.

O lugar estava abafado. Respirações compassadas podiam ser ouvidas, trinta fôlegos em um.

A série de tons digitais indicando a confirmação do código digitado se fez ouvir.

Textos rabiscaram em um verde fulgente a tela de cristal líquido.

Código confirmado.

Acesso garantido.

Portas fortemente vedadas se abriram, empurradas para fora de encaixes e moldes perfeitos por golpes de ar comprimido que produziam sibilos estridentes.

Corpos se ergueram. Pernas fortes marcharam, e uma fila indiana de trinta silhuetas esguias se formou. Todos os vultos usavam uniformes de couro preto com finas linhas brancas, rigorosamente iguais tanto em combinação de cores quanto nas medidas.

Enfileirados, os trinta corpos lembravam bonecos recém saídos de uma linha de montagem. Bonecos de plástico, injetados. Mesma altura, mesmo formato, mesmo peso...

Meia volta volver!

Ordinário, marche!

Um a um, os integrantes do pelotão marcharam. Pernas fortes revestidas por botas cobertas de couro e metal pisaram o chão, ao mesmo tempo, em um mesmo ritmo. Direita e esquerda. Direita e esquerda.

A milícia se aproximou do único de seus integrantes que se encontrava em posição diferente dos demais. Próximo da porta hermética que havia sido aberta, o trigésimo primeiro membro do pelotão usou de movimentos rápidos e repetidos para distribuir duas potentes armas de fogo, uma grande e outra pequena, e mais uma faca dotada de um ameaçador aspecto militar, aos demais, à medida que estes estacionavam, um após o outro, à sua frente, e a marcha era suspensa.

As armas estavam envolvidas por coldres feitos de um tipo de material plástico maleável, os quais iam sendo metodicamente aderidos por *velcros* estridentes a pontos estratégicos nos uniformes blindados de cada soldado. E cada soldado aderiu os coldres de suas armas de igual maneira.

Ao terem recebido suas armas, um depois do outro, eles reiniciavam a marcha: o primeiro passo com o pé direito, a arma grande sendo pendurada à direita, logo abaixo da cintura; o segundo passo com o pé esquerdo, a arma pequena era grudada no quadril oposto; o terceiro passo, a perna direita sendo elevada mais alto do que o normal de modo a permitir que o coldre da faca fosse afixado na bota.

Todos os três movimentos dos trinta soldados foram idênticos quando estes receberam e posicionaram suas armas, e todos os três movimentos do trigésimo primeiro soldado também se repetiram, trinta vezes, sem falhas nem desvios, a cada conjunto de armas que este entregava aos companheiros.

A precisão das ações era surpreendente. Não havia nenhum equívoco, nenhum titubeio.

Era assim que devia ser.

Marchando, sempre em frente, os soldados chegaram ao final da sala comprida onde estavam. Atravessaram uma porta, onde um após o outro, viraram à esquerda e seguiram por um corredor de cerca de trinta metros. Outra dobra para à esquerda ao final deste revelou escadas, que a fileira de soldados desceu sem pestanejar, como uma centopéia humana, todos os pés pisando praticamente os mesmos pontos do chão.

Adentraram um amplo salão, e só então houve uma mudança na atitude do grupo. De súbito, a formação se desfez. Como formigas, os soldados sabiam de forma quase instintiva o que deviam fazer, e cada qual caminhou, ou correu para um ponto distinto, e houve até mesmo alguns deles que permaneceram parados, em posição de sentido.

Palavras-chave e coordenadas alfanuméricas reverberavam pelos altofalantes dos comunicadores instalados dentro de seus capacetes. Ordens, em um linguajar muito técnico e específico.

Ordens que eram seguidas sem hesitação pelos super soldados.

Veículos negros, carros, motocicletas e furgões, abandonavam espaçosos estacionamentos, e a fúria de vários motores rugiu pelas estradas, alguns indo em direção ao centro da cidade, outros se dirigindo para os subúrbios.

Ordens em mente, o destacamento de policiais seguia implacável para cumpri-las.

Enquanto isso, outros vinte e oito soldados portando uniformes idênticos e apresentando idênticas fisionomias retornavam de suas missões. Aos poucos, eles foram se apresentando, e formando a tradicional fila indiana, que marchou escada acima rumo aos quartos de banho e dormitórios. Muitos dos uniformes estavam sujos, ou rasgados, e uns dois ou três buracos de bala podiam ser vistos de longe. Um dos policiais tinha seu capacete com o visor partido ao meio, mas ainda firme, afixado pelas presilhas laterais.

Era a troca de turnos.

Missões especiais, que não poderiam ser interrompidas, tinham sido atribuídas aos dois membros ausentes daquele pelotão de trinta.

Eles se apresentariam depois, quando do término de suas obrigações, quer isso acontecesse no dia seguinte, ou na semana seguinte.

Todos estes soldados eram especiais, e cumpriam suas missões mesmo que a ordem de retorno e a confirmação de "missão cumprida" levasse um ano inteiro para acontecer.

Ficariam sem comer, e sem respirar, se preciso fosse...

... mas cumpririam suas missões.

Um daqueles dois soldados que compunham aquele pelotão de trinta pilotava uma potente moto negra pelas ruas forçosamente limpas do centro da cidade.

Era dia. E o soldado passara a noite em claro.

Desde o dia anterior, quando seu turno se iniciara, que o soldado não dormia.

Nenhum outro veículo na rua. Tudo estava completamente deserto.

Era o primeiro dia do ano.

O sol brilhava infernalmente, tostando o asfalto, e anunciando um ano novo infernal.

Um pacote plástico passou voando no trajeto da motocicleta.

- Sujeira na avenida principal do setor quinze B - disse o piloto com uma voz um tanto fina, indistinta e abafada, acionando automaticamente o comunicador que estava instalado em seu capacete.

- *Já captamos. Localização e quantidade, por favor, número vinte e nove* - uma voz de mulher invadiu seu ouvido, eletrônica e abafada, vinda de um minialtofalante, também parte do equipamento de comunicação montado dentro de seu capacete.

Uma imagem esverdeada apareceu no visor negro, que cobria todo o rosto do soldado. Um mapa retangular, e ao lado deste a palavra "autodetecção", seguida de símbolos que mudavam conforme o tempo passava e cálculos eram feitos. Logo, surgiram outros mapas, uns quadrados e outros redondos, e fotos, e imagens em movimento, uns aparecendo e outros desaparecendo, e alguns surgindo acima dos outros, compondo um mosaico de gráficos, caracteres e imagens cintilantes. A última imagem que surgiu no visor foi a do próprio soldado, em sua grande motocicleta negra.

Autodetecção concluída.

Depois de alguns segundos, as imagens foram substituídas por um "Ok", que piscou algumas vezes e desapareceu, mas não antes que a voz em seu fone de ouvido desse retorno.

- *Dados confirmados, número vinte e nove. Retorne ao modo silencioso e não esqueça de vestir as blindagens especiais de seu uniforme. Esta missão passa a ser código MMP-042958.*

- Ok.

Em breve, um destacamento passaria a patrulhar regularmente aquela área e arredores, em busca de arruaceiros e quaisquer descuidados que tivessem deixado lixo voando solto pelas ruas, quer estes surgissem de novo ou não.

As penas impostas para os crimes relativos à poluição ambiental era sempre muito rígida, quer fosse na cidade, quer fosse nos subúrbios.

Parte de um novo texto em verde apareceu no visor do policial. Era intitulado "Código MMP-042958", e apresentava uma relação completa dos dispositivos legais que tal código estabelecia em relação ao policial e aos envolvidos - regalias e

deveres, legislação nua e crua - além de detalhes sobre a missão em si. Nomes, lugares e procedimentos.

- Desativar textos não prioritários - disse o soldado, que já conhecia tanto a burocracia legal quanto os nomes de suspeitos e locais, e o texto em seu visor imediatamente sumiu, obedecendo ao comando. - Estabelecer prioridade para texto e imagem no visor: código M-M-P-0-4-2-9-5-8. Prioridade para telecomunicações: menos um.

Mensagens de confirmação automáticas espocaram em alguns pontos do visor, que a seguir escureceu de vez.

A moto desacelerou até parar em um ponto da tal avenida principal, que se estendia de um lado ao outro, a perder de vista, cercada por prédios cinzentos, cobertos de janelas de vidro tão negro quanto o visor acrílico de seu capacete. Alguns dos prédios davam a impressão de terem sido feitos inteiramente de vidro.

Era uma rua elevada, como um tipo de ponte. Mais de cinco metros a separavam do passadiço dos pedestres, e do nível onde eram construídos os prédios, que ficava logo abaixo. Moderna e complexa, a rua oferecia diversos tipos de ameias com escadas, rampas e elevadores de acesso aos pisos inferiores, tanto para pedestres quanto para veículos de pequeno e médio porte, além de fortes proteções laterais e alguns estacionamentos ao longo de seu perímetro.

O código MMP-042958 concedia uma série de prerrogativas e direitos extraordinários a um policial, e entre eles se incluía a possibilidade de estacionar seu veículo em qualquer ponto do trajeto.

Na verdade, podia ser dito que o código MMP-042958 deixava o policial livre para fazer o que bem entendesse...

O piloto desceu, e abaixou-se. Abriu um dos diversos compartimentos que se encontrava ao lado do pneu traseiro da motocicleta, a qual era um verdadeiro monstro, feito de dois grossos pneus, equipamentos e visores eletrônicos, muitas cilindradas e dezenas de compartimentos especiais.

Pedaços de uniforme negro surgiram de dentro do estojo. *Velcros*, encaixes e presilhas, era o que havia de sobra em tais peças, que foram sendo anexadas aqui e ali no colete e no capacete, nas botas e até mesmo nas luvas do policial.

Em alguns segundos, as mãos ágeis deste tinham concluído o serviço. O compartimento então foi fechado, e ele subiu novamente no grandioso cavalo mecânico, que acelerou seu motor, e partiu.

Estava pronto para iniciar a execução de sua missão.

No dia anterior, sob a influência de um código de missão diferente, mais brando, o policial havia localizado e seguido uma pessoa suspeita. Obtivera muitas informações, que tinham sido enviadas aos departamentos de inteligência centrais da polícia. Informações que provavelmente tinham sido repassadas a outros departamentos, ainda mais influentes.

Informações que tinham retornado transformadas em uma mudança de um código de missão investigativa, de média importância, para um código prioritário, de busca, apreensão e seqüestro.

"... o indivíduo em questão deve ser capturado e trazido a este departamento, preferencialmente mas não obrigatoriamente VIVO. Em casos extremos, considerar o uso da força e de armamento letal."

Eram comuns os casos em que um julgamento antecedia uma busca, que era sucedida por outro julgamento, este último com diversificados direitos de defesa sendo concedidos ao acusado. Porém, era raro que um único julgamento anterior à

uma busca decidisse o destino de um réu, sem direito a qualquer apelação em outra instância.

E o policial conhecia cada um dos códigos em que tal procedimento poderia ocorrer.

E sabia também que o código MMP-042958 era um dos casos mais raros, senão o mais raro de todos, em que a pena de morte poderia ser imediatamente aplicada.

Era um caso único. E a julgar pela eficiência dos sistemas policial, penal e carcerário destes dias em que poucos dos atos que viessem a ser considerados crimes deixavam de ser julgados e punidos, seria sem sombra de dúvida o *único* caso.

Pois apenas uma única pessoa se enquadrava no perfil instituído pelo lendário código MMP-042958.

Um único criminoso. O indivíduo a quem o código chamava pelo codinome de *Raiz*.

E a eliminação deste apagaria para sempre o código MMP-042958 da extensa e completa lista de contravenções existente no banco de dados da polícia daquele país, pois não existia ninguém mais que se enquadrasse em tal código...

... e jamais existiria.

Em um dado momento, a possante motocicleta diminuiu a marcha e entrou em um desvio, descendo por uma das espirais laterais que davam acesso às ruas inferiores. Girou pela ruela estreita e curva que circundava o enorme pilar de concreto que servia de ponto de apoio à larga avenida elevada, todo forrado este de pequenas lajotas vermelho-escuras, que lembravam vidro. Naquela altura do trajeto, existiam duas espirais ao redor do grande tronco de sustentação, uma para subir e outra para descer, e muitos recortes e desvios tanto na avenida elevada quanto na rua inferior, transversal à esta, que davam amplo acesso a tais espirais.

Após ter dado um giro e meio pela trilha circular, a moto policial penetrou pela rua inferior.

O patrulheiro se encontrava agora em um bairro residencial.

Os dados relatados junto ao código MMP-042958 não poderiam ser mais específicos, e o soldado ziguezagueou pelas ruas, onde alguns civis perambulavam cá e lá, buscando um único endereço - o endereço que correspondia ao domicílio onde se encontrava a *Raiz*.

A noite anterior fora festiva, como sempre acontece em finais de ano. As pessoas tinham se reunido no topo dos edifícios para lançar os fogos antipoluentes, rir e se divertir, bebendo champanhe, cerveja e vinho. Muitos tinham se excedido no consumo de álcool e quebrado algumas das regras impostas pelo toque de recolher, menos severo em uma ocasião festiva como aquela... Boa parte destes agora dormiam em um posto policial qualquer, capturados no ato flagrante, esperando seus julgamentos e sentenças.

Era normal. Sempre acontecia. Transgressões em ocasiões festivas. O consumo exagerado de bebidas alcoólicas, e de certas drogas, liberadas apenas

durante tais dias por umas poucas leis antiquadas e deficientes, impelia as pessoas ao abuso.

Era por isso que os turnos tinham sido duplicados, e os policiais tinham perdido um de seus dias de descanso.

Era para isso que serviam os policiais.

Algumas dezenas de julgamentos rápidos por departamento, à medida em que os transgressores fossem despertando de sua sonolência induzida, e a maior parte destes seria liberada. A seguir, iniciar-se-iam os procedimentos de detenção e julgamento decorrentes de crimes maiores. Assassinatos premeditados ou acidentais, furtos, seqüestros, suborno, chantagem, abuso sexual... Avaliações físicas e mentais seriam feitas nos suspeitos, juntamente com apanhados imediatos sobre seus antecedentes. Hábitos, costumes, vícios, vidas inteiras seriam examinadas. Provas seriam reunidas e testemunhas arroladas. Estabelecido o inquérito, o réu iria imediatamente a julgamento, e, antes do final do dia, sua pena inicial seria definida, a qual poderia vir a ser revogada no decorrer dos próximos dias, a depender de outros fatores que pudessem ser somados ao conjunto de evidências, ou deste removidos.

E o ano novo começaria, como começam todos os novos anos. Como normalmente acontecia em quase todos os feriados.

Milhares de detenções, milhões até, pelo país inteiro.

Haveria protestos contra o Sistema Penal, contra o toque de recolher, contra os políticos... contra a *natureza* dos policiais.

"Os *policiais* não são *humanos!*", bradariam os mais exaltados.

E no fim das contas, todos os contraventores continuariam sendo presos, e a vida continuaria.

Nada mais justo, em se tratando de um Sistema Penal tão eficiente.

O policial passou a percorrer uma rua menor, onde se viam muitas árvores pelas calçadas, e casas pequenas. Mulheres com carrinhos de bebê, velhos de bengalas andando devagar pelas ruas. Pessoas que olhavam desconfiadas para o policial e sua motocicleta tão barulhenta.

Alguns olhavam com nojo, ou ódio.

Era um lugar tranqüilo.

Havia muitos lugares tranqüilos. A política de restrições estabelecida pelo moderno Sistema Penal tinha sido muito eficiente em criar e manter um clima de tranqüilidade nacional. Abusos tinham sido coibidos em todas as áreas. Organizações foram desfeitas. Estilos musicais foram proibidos. Religiões deixaram de existir. Alto-falantes foram removidos de carros. Fogos de artifício deixaram de ser fabricados. Motores tiveram potência reduzida. Munições e armas pararam de ser revendidas. Aparelhos de som foram apreendidos. Crianças passaram a ser presas. Festas foram proibidas. Fábricas fecharam. Outras abriram. Feriados não mais aconteceram. Outros foram criados para substituí-los.

Mudanças, mudanças e mais mudanças.

Não havia barulho. Não havia sujeira. Não havia tumulto. Não havia malucos a solta nas ruas.

Não havia crime. E este era o resultado das mudanças.

E a maior de todas as mudanças eram os *policiais* em si.

"Os *policiais* não são *humanos!*"

Os dados relatados pelo código MMP-042958 não poderiam ser mais específicos.

Esta era a rua.

Ali se encontrava o esconderijo. A *Raiz* poderia ser encontrada em uma daquelas residências.

O policial diminuiu a marcha da motocicleta, e passou a observar as casas de um dos lados da rua com mais atenção.

A numeração era antiga, e tornava-se difícil a orientação.

Árvores e velhos cercados bloqueavam a vista, e alguns números não podiam ser encontrados.

- Obter listagem de endereços a partir da minha localização atual - disse o piloto da moto, com sua voz fina, abafada.

Um outro mapa surgiu ocupando quase todo o escuro visor do capacete, sendo envolvido por mais uma seqüência de outros tantos quadros, fotos, imagens e letras dançantes. No centro do mapa esverdeado, um ponto cintilante indicava a posição de sua moto, obtida por intermédio de satélites. Números e letras apareceram. Uma animação rapidamente substituiu o mapa por uma listagem de todos os endereços dos arredores.

- Comparar com a antiga numeração das casas.

Algumas das mudanças que tinham sido desenvolvidas pelo novo Sistema Penal estabeleciam novos modelos de endereçamento para prédios e residências, e não era estranho que ainda houvesse casas nos bairros mais antigos das cidades em que a numeração antiga ainda não tivesse sido completamente substituída. Existia toda uma série de entraves físicos e burocráticos impedindo a troca imediata de nomes de ruas e números de casas, muitos propostos pelos sistemas de correios e de transportadoras de carga, e pelas instituições que gerenciavam o patrimônio histórico, e alguns até por políticos, que sempre estavam de olho nos votos de todo mundo.

Para o policial, nada disso importava.

- Ampliar raio de ação, e procurar o endereço indicado no código MMP-042958.

Cumprir sua missão era o seu único objetivo.

Novos mapas surgiram em diversos cantos de seu visor, e todos eles acabaram se unindo em um só, onde duas marcas cintilantes indicavam tanto a moto quanto a casa desejada, situada cinco quadras adiante.

- Desativar visor. Elevar prioridade para telecomunicações em um.

A moto seguiu em frente, em velocidade constante.

A rua era aquela. O endereço era o indicado.

Em breve, daria-se o esperado encontro com a *Raiz*.

Era o momento do Policial se concentrar. Estabelecer suas próximas linhas de ação.

Armas carregadas. Sessenta e cinco tiros paralisantes na maior, e dez na menor, e a faca para quaisquer outras ocasiões especiais em que uma luta corpo-a-corpo fosse inevitável. Havia ainda a munição especial - pentes com balas mortais e explosivas - guardada em separado. E não se podia esquecer de sua habilidade em artes marciais...

A *Raiz* não era um criminoso comum, e jamais poderia ser tratado como tal.

As quadras foram se passando.

Crianças olhavam de longe, risonhas e grialhonas, como só crianças devem ser.

Casas antigas foram se indo a medida em que a moto avançava.

Portas e janelas foram fechadas.

As pessoas comuns ainda temiam os policiais. Isso certamente se devia ao fato de que pessoas comuns, anômalas, adoram cometer pequenos delitos. E adoram protestar, e adoram exceções.

E os policiais, os novos policiais... eles adoravam capturar criminosos. E eram eficazes no que faziam.

Para isso tinham nascido.

"Os policiais não são humanos!"

Uma...

Duas...

Três...

Quatro...

Era *ali*. A quarta casa do quarteirão por onde a motocicleta estava passando.

O soldado foi diminuindo a marcha, até que a moto parou.

Com uma marcha à ré, o possante veículo foi estacionado. Seu pneu traseiro ficou apoiado na orla do passeio.

O motor deu mais dois roncões e afinal parou de funcionar.

Descendo da moto, o policial permaneceu parado alguns instantes, admirando aquela residência.

Construída provavelmente na metade do século anterior, a casa não apresentava detalhes que tivessem qualquer relevância em se considerando o requinte arquitetônico. Quatro paredes principais e um telhado piramidal, com quatro lados, era praticamente o que se via. Tão simples quanto dois e dois são quatro.

Uma cerca baixa de velhos tijolos separava o terreno do passadiço, e uma trilha destes mesmos tijolos levava até uma espécie de sacada, coberta de azulejos de um grená pálido e ressecado, disposta um degrau acima daquele caminho. Um recorte à direita de uma das quatro paredes principais projetava esta e metade da pequena sacada alguns metros para dentro da casa, criando uma área coberta simples, onde a porta da frente se escondia, guardada por um par de suportes metálicos onde jaziam vasos com samambaias muito parecidas. Uma lâmpada incandescente pendia do teto indistinto da pequena entrada, segura por um receptáculo ordinário e cabo pretos, e mais nada.

Rachaduras percorriam paredes tingidas em diversos tons de bege, refletindo extremo descuido com a pintura e a conservação do imóvel. Trepadeiras se lançavam às paredes, esforçando-se para mantê-las de pé por mais algumas décadas, enquanto cascas de tinta seca se desprendiam, revelando ainda mais tijolos velhos, parcialmente cobertos com argamassa cinzenta e musgo.

O telhado, que em outros tempos devia ter sido vermelho-claro, tornara-se escuro e manchado. Fungos e líquens iam brotando em cima e em baixo das velhas telhas de cerâmica, cheias de dobras e encaixes, e ainda perfeitamente afixadas umas junto às outras.

Uma velha chaminé surgia, trespassando a couraça de telhas, e levando algumas destas consigo, empurrando-as para o alto de modo a constituir um telhado próprio e exclusivo, também em forma de pirâmide. Em virtude das novas regras e imposições ambientais, que eram parte do Sistema Penal e limitavam em muito a quantidade de monóxido de carbono que poderia vir a ser expelido anualmente por cada residência, a tal chaminé parecia estar em desuso há um

longo intervalo de tempo, e ninhos de pássaros podiam ser vistos no lugar de fumaça em suas aberturas.

Os cada vez mais raros dias de frio durante o ano e a escassez crescente de madeira tinham transformado as velhas chaminés em meros detalhes arquitetônicos sem utilidade, típicos das casas mais antigas.

Uma pequena janela se destacava, cravada na parede contígua à abertura que dava na porta da frente, com venezianas fechadas, pintadas com uma mistura de tons escuros indo da cor de vinho ao marrom.

Plantas, flores, arbustos, pequenas árvores e até mesmo capim crescia por todos os cantos entre a cerca de tijolos e a casa, e também em redor desta. Vasos feitos de cerâmica ou de troncos de velhas árvores e mesmo recortados em pneus eram comuns, lotados com plantas de tantos tipos quantos se possa imaginar. Orquídeas, roseiras, jasmims, margaridas, cravos, amores-perfeitos, apenas para nomear algumas das plantas a partir de suas flores.

Sem tempo para apreciar tamanha variedade vegetal, o policial atravessou a calçada toda feita de pedras sedimentares fatiadas, passou pela cerca de velhos tijolos, e galgou o caminho de pedras de formato arredondado, invadido pela grama, que levava até a entrada principal da casa.

Subiu o degrau único e examinou a porta. Não havia botão de campainha, o qual também não se fez necessário...

- Entre, policial.

... pois a porta já se encontrava aberta.

- Estava esperando a sua visita. Aceita um chá?

Sentada em uma poltrona, a anfitriã da casa conversava.

- Aposto que faz bastante tempo que você não fala, e não ouve tanto, não é mesmo - dizia. Tratava-se de uma bela mulher, aparentando ter trinta e poucos anos...

Sentado à sua frente, em outra poltrona, o policial apenas aquiesceu com um aceno de cabeça.

Já fazia algum tempo que aquelas duas pessoas conversavam, ou que uma delas tentava fazer a outra conversar.

- Bem se vê que os policiais de hoje em dia são de poucas palavras. Isso se deve a algum tipo de treinamento, suponho... - disse a mulher.

O policial, mão esquerda sobre a arma pequena, não fez menção de confirmar ou negar a suposição da mulher. Com o rosto coberto pelo visor do capacete, procurava examinar os movimentos da mulher que segurava uma xícara de chá fumegante acompanhada de um pires, sentada bem à sua frente.

A Raiz.

Era uma bela mulher, sem dúvida. Cabelos castanhos avermelhados, escuros, escorridos pela cabeça, em um corte curto, feito de mechas pontudas e desgrenhadas. Brincos metálicos, cravejados de pequenas pedras irregulares, que também poderiam ser madeira, pendiam de suas orelhas e, compridos, quase batiam nos ombros. Um vestido simples, alaranjado, quase transparente, servia-lhe

como única indumentária. Um par de chinelos de pano bordados ou tricotados lhe ornamentavam os pés.

Mas, o que o policial observava mais atentamente era aquele rosto. A fisionomia estranhamente familiar de sua interlocutora - uma criminosa enquadrada em um código único do Sistema Penal.

Uma criminosa perigosa.

- Nos velhos tempos, os rigores não eram tantos. Havia mais liberdade tanto para policiais quanto para os civis. E eu tenho certeza de que os policiais falavam bem mais do que hoje em dia...

A mulher riu. Sua voz também era estranhamente familiar... Uma voz um tanto fina, mas não tanto quanto devia ser uma voz de mulher.

A mão do policial agarrou com mais firmeza a arma pequena, pronto para o saque. A ambidestria, tanto com armas de fogo quanto com armas brancas, era uma de suas mais notáveis habilidades, juntamente com a pontaria precisa e a incrível rapidez de seus reflexos.

A mulher sorveu de um gole o chá fumegante.

- A cortesia manda que eu lhe ofereça chá outra vez, mas creio que você não irá querer, não estou certa?

Uma mesinha de madeira, retangular, lembrando um caixote oco e envernizado, com uma placa de vidro sustentada em seu centro, separava os dois interlocutores daquele monólogo.

Sobre o vidro da mesa, um grande bule semelhante à xícara e ao pires, cheio de chá, e expelindo muito vapor. E uma outra xícara, um outro pires, intocados.

Os procedimentos de ação da polícia eram claros e específicos, e evitar a ingestão de um líquido qualquer oferecido por um provável criminoso já fazia parte desta conduta muito antes dos novos policiais terem assumido a manutenção da segurança do país.

- Dizem que um bom chá pode fazer milagres com a saúde das pessoas... - falou a mulher, enchendo outra vez a pequena xícara com a infusão levemente amarga. Era a terceira vez que enchia a própria xícara. - Este é feito de ervas especiais, cujas raízes eu obtive durante uma de minhas viagens pelo mundo, e cuja planta agora floresce em meu quintal, atrás da casa. É uma planta de nome difícil. Dizem que é uma espécie de estimulante natural, mas aposto que você não tem nenhum interesse no assunto, não é verdade?

Sorrindo, a mulher tomou mais um gole.

Por todos os meios possíveis, ela lembrava uma mulher comum. Algo como uma dona de casa, alguém que cultivava plantas em seu jardim e alimentava-se de cozidos feitos com hortaliças de produção própria, talvez sobrevivendo com o dinheiro vindo de uma aposentadoria precoce e irregular.

A *Raiz*, que cultivava raízes no quintal, e parecia ser a pessoa mais comum do mundo era, no entanto, uma das criminosas mais procuradas daquele país.

Uma criminosa sagaz, que devia conhecer muito bem as leis.

O código MMP-042958 era único, e antigo, e ainda era amparado por arcaicos dispositivos legais. Dispositivos estes que tinham permitido àquela doce mulher fazer um único telefonema, a um advogado à sua escolha, que exerceria o papel de defensor particular.

"Meu advogado chegará aqui em duas horas", dissera ela, reaparecendo, dez minutos depois de ter sumido dentro de um cubículo qualquer, invisível em sua pequena casa, que parecia, contudo, ser maior por dentro do que por fora.

Era praxe no comportamento dos policiais... era dada a voz de prisão, e ditava-se em alta voz os deveres e direitos dos envolvidos. E lá estava, amparada entre os direitos, a chamada ao advogado particular, profissão cada vez mais rara no mundo moderno, uma vez que a imensa maioria de defensores e procuradores, no advento do novo Sistema Penal, havia passado a figurar em meio à própria força policial. E o direito de espera pelo advogado particular no local da captura ou em outro local escolhido em comum acordo, sob custódia, durante um período máximo de oito horas.

Como era de se esperar de uma criminosa sagaz, procurada pelo país inteiro, ela fez a ligação e agora aguardava o advogado particular.

Como era de se esperar de uma criminosa procurada pelo país inteiro, ela não tinha entrado em pânico, desde o princípio.

Como era de se esperar de uma simples dona de casa, ela servia chá ao policial, e tentava entabular uma conversa com ele, apenas para o tempo passar.

- Mudando de assunto, dizem que houve uma época em que a clonagem passou a ser encarada com mais seriedade, e menos temor.

O cheiro leve, agridoce, de flores preenchia o ambiente escassamente iluminado pelo lustre esverdeado que pendia do teto. A única janela que havia estava fechada.

- No princípio - dizia ela, procurando atrair a atenção do policial, que ficava olhando em volta, examinando o local, - a clonagem foi um grande tabu, como tantas outras peripécias genéticas do final do milênio. Era tudo tratado como se fosse ficção científica, rejeitado por puristas e cultos religiosos. "*Seres humanos criados em laboratório?*", perguntavam as pessoas. "*É o fim dos tempos, o apocalipse!*"

Ela riu. E suspirou. Olhava para longe, e parecia um tanto ou quanto desanimada, sonolenta...

Por fim, piscou uma ou duas vezes, e sorveu mais um gole de chá.

- É o que dizem os livros, os velhos *videotapes*. Enfim, é o que a história nos conta...

"Mas eu conheço a verdade. Sei muito do que realmente aconteceu. Sei que o meu nome está intimamente ligado a todos os acontecimentos que tiveram alguma relação com a clonagem em si.

"Afim, eu sou a Raiz, não é mesmo? Não é assim que vocês policiais me chamam?"

A Raiz... A RAIZ!!!

O policial girou a cabeça de volta para a mulher. Tinha ficado olhando em torno, observando os arredores da sala. Sentia-se levemente entorpecido, tendo de ficar parado por tanto tempo, esperando... aguardando... Era um soldado, e ação era a sua especialidade.

E ela era uma criminosa...

Ela sabia que ela própria era a Raiz!

Ela era astuta. Conhecia a verdade que apenas os membros da polícia deveriam conhecer.

O que estaria planejando? Por que não parava de falar um minuto sequer? Por que não agia logo de uma vez?

Quanto tempo ainda teria de esperar pelo advogado?

E a mulher continuava falando. Sua voz era sinônimo de placidez.

- ... existiram muitas tentativas foras-da-lei de clonagem no início do milênio. O fato é que as primeiras duas décadas foram infestadas por experimentos científicos clandestinos. Houve muitas prisões, e muitos geneticistas desapareceram sem deixar rastro. Houve também muitos boatos, e as tantas histórias, verídicas ou não, passaram a ser uma constante nas colunas dos jornais.

Uma pausa para mais um gole de chá.

"O tempo passou, e, houve a Revolução, e o novo Sistema Penal foi implantado. O crime e o terror, que amedrontavam o mundo, deviam ser extintos, e o nosso país seria aquele que iria dar ao mundo o exemplo de como isso poderia ser feito. Ocorreu então aquela sucessão de fatos que marcaram para sempre a nossa história. Colocou-se em prática a Quarentena, e a seguir foram iniciados os estudos de parte dos juristas e políticos para criar as novas leis que fariam parte de um glossário legal único, que passaria a ser cumprido à risca por uma instituição especial, que também vinha sendo preparada em segredo. Estava lançada a semente para a criação do novo Sistema Penal... e também para a nova força policial.

Interessante, pensou o policial, o modo correto como falava aquela mulher de traços tão insuspeitos... tão *familiares*...

Sua oratória era realmente fascinante. Sua voz era calma sem ser monótona e as palavras eram escolhidas e pronunciadas com primazia. E como era de se esperar, tal dom não estava descrito no perfil do criminoso apresentado pelo velho código MMP-042958.

Nada estava escrito no perfil da *Raiz*, e o policial tinha consciência de que qualquer comportamento que este criminoso viesse a apresentar ao ser confrontado pela primeira vez devia ser minuciosamente relatado depois, no quartel general.

Oratória impressionante, feições... *familiares*... e uma necessidade um tanto ou quanto exagerada de ingerir líquidos. Estes seriam os primeiros dados comprovados a serem introduzidos no relatório do código MMP-042958.

Era um verdadeiro marco histórico.

Não que o policial estivesse pensando em ver sua fotografia estampada em uma enciclopédia.

Na verdade, o policial não pensava em mais nada que não fosse em sua missão.

E ouvir aquela mulher que não se cansava de falar fazia parte de sua missão.

"As fronteiras foram fechadas pelos dois primeiros anos da Quarentena", prosseguia em sua implacável narrativa a mulher que se autodenominara a *Raiz*. *"Os estrangeiros passaram a ter suas entradas no país sistematicamente barradas. Mercadorias importadas foram boicotadas com severidade, e conseqüentemente houve um revés tremendo também na área de exportação. Empresas de capital estrangeiro, em parte ou no todo, foram desativadas, ou abdicadas pelo governo, sob os auspícios da lei e das medidas rigorosas contra o poder paralelo - o crime. Exportadores e importadores foram incentivados a remanejarem seus negócios, passando a ter o mercado interno como único alvo.*

"O que parecia absurdo tendo em vista a arbitrariedade das medidas acabou acontecendo: o país afinal prosperou, apresentando superávits sucessivos e abundância de recursos... e o crime retrocedia.

"A princípio receoso, o restante do mundo acabou aplaudindo a idéia, e outros países chegaram até a implantar regimes anticriminais semelhantes.

Enquanto isso, já distantes do assédio das outras nações, e benquistos tanto dentro quanto fora do país, os membros da alta cúpula seguiram em frente com seus planos...

"Não era suficiente que o crime diminuísse... Era necessário que fosse extinto! Criminosos jurados e reincidentes, assassinos múltiplos confessos, doidos varridos, degenerados sexuais, estes e muitos outros receberam sentenças de execução idênticas, que foram cumpridas tão imediatamente que eles sequer tiveram tempo de perceber que estavam mortos. Dos encarcerados que restaram, e de seus destinos, muito pouco se ficou sabendo... Ora, era necessário separar de uma vez o joio do trigo, e dar o exemplo ao restante da população. O resultado desta limpeza foi uma pilha gigantesca de cadáveres de supostos bandidos incorrigíveis, e muito mais espaço livre nas cadeias. Cerca de dez por cento da população do país foi varrida das estatísticas, em um golpe só. Ah, e como não poderia deixar de ser, vieram os protestos.

"Houve protestos de religiosos, defensores dos direitos humanos, oposicionistas e de outros tantos samaritanos de ocasião que nem vale a pena mencionar. Mas já era tarde. O que estava feito, estava feito. Longe de se comoverem, os juristas e políticos já se encontravam cientes do que iria acontecer, e tinham o remédio certo para combaterem as manifestações...

A mulher soltou um demorado bocejo. Depois tomou fôlego, e emborcou o chá da xícara de um só gole.

E encheu-a novamente, sem parar de falar.

"AS LEIS. O novo código de leis penais, que distribuía penalidades rigorosas para todos os casos, parecia ter sido especialmente elaborado de forma a dissuadir as manifestações daquele tipo. Isso sem contar que houve uma porção de campanhas e projetos políticos, ditos nacionalistas, patriotas, que trataram de fechar o país por completo ao longo dos anos e das décadas. A Quarentena, que era uma medida que acabou sendo bem vista, apesar de seu autoritarismo, e que tinha sido aplicada de súbito pelo poder público, acabou sendo extinta ao final de dois anos a partir de sua implantação, como fora prometido. Mas dois anos de uma quase completa e obrigatória reclusão serviram muito bem para tolher a liberdade da população, e os efeitos da Quarentena se mantiveram mesmo depois de sua extinção oficial. O cerco planejado a princípio se fechava...

Uma pausa.

- Meu Deus. Eu devo estar falando demais, como sempre - a mulher teve um leve sobressalto, e sacudiu a cabeça negativamente. - É uma das muitas manias que eu acabei adquirindo durante essa vida. Já me serviu de sustento, e agora vem servindo para combater a ansiedade, e muitas vezes serve também para entreter os amigos. Mas tenho certeza que você não se importa, não é mesmo, oficial?

Nenhuma resposta veio do policial, que continuava sentado impassível, imóvel, inerte, intocável, em sua poltrona.

- Tenho certeza que esta atitude assim tão... reclusa tem a ver com seu treinamento. Cada pessoa aprende a ser como é com a vida que leva, não é mesmo?

A mulher deu uma risadinha curta. E sorveu mais um gole de chá.

O oficial da lei não se manifestou.

- Isso me faz lembrar de outras coisas que aconteceram ao longo destes tantos anos em que tenho vivido, se me permite...

Nenhuma reação, ainda, de parte do policial.

- Eu lembro muito bem, como se fosse hoje... Após a implantação das leis, o novo *Sistema Penal* foi consolidado, e o poder do governo se tornou quase absoluto. Faltava apenas *uma coisa*.

"Muitos cientistas, geneticistas, anatomistas, químicos, fisiologistas, terapeutas, técnicos em telecomunicações e informática... a maior parte dos grandes estudiosos do país, e até alguns estrangeiros, todos os que não sumiam iam sendo sistematicamente absorvidos pelo governo, durante e mesmo depois do período da Quarentena. Na verdade, a Quarentena parece ter sido muito mais dura para com certas empresas do que para o público em geral... Quem quiser consultar os registros antigos vai ver que a quantidade de empresas falidas quase quadruplicou durante aquele período. E a maior parte destas empresas lidava com produtos ou serviços que envolvessem algum tipo de conhecimento técnico, ou científico, ou ambos. Ao que parece, os obstáculos que o novo regime governamental colocava no caminho das empresas técnicas eram propositadamente intransponíveis, e as empresas eram obrigadas a fecharem suas portas... ou então eram adquiridas pelo governo, tornando-se estatais públicas, e passando a gozar de um certo anonimato, e de regalias que deviam ter sido bastante atraentes... Ah, e estas novas empresas governamentais acabavam levando os cientistas e técnicos com elas. As regalias concedidas aos gênios também deviam ter sido bem atraentes..."

Mais um longo gole de chá.

Mais um longo suspiro, como se a mulher estivesse buscando forças para continuar.

Nenhuma reação, ainda, de parte do policial.

"Houve protestos de algumas minorias, como sempre havia... Mas o governo daquela época, assim como o governo de nossa época, não deu ouvidos. Parece que, se rechaçar protestos faz com que um governo seja chamado de intransigente e repressivo, ignorar tais protestos é um dos atributos que faz com que um governo seja considerado excelente... Eu sei que isto não é verdade, mas foi algo assim que acabou ocorrendo. Os protestos eram ignorados pelos homens que estavam no poder, pelos homens que após cem anos ainda estão no poder, e a população em geral acabava aplaudindo cada nova medida, lobotomizada e feita inconsciente desde o final do século passado por uma pseudo-cultura romântica e dançante que ainda é propagada aos quatro ventos pelos meios de comunicação em massa, mandato após mandato."

"Ignorar protestos de minorias é excelente para mostrar autoridade por parte de um governo em relação a uma população ignorante. Rechaçar protestos na calada da noite, sem dar na vista, é ainda mais prático, e evita que tais manifestações, focos de consciência pública, venham a se repetir. Muita gente desapareceu... acho até que eu já disse isso antes, não é mesmo?"

A mulher ergueu o braço magro, e olhou para o velho relógio de pulso.

- Mais meia hora e meu... advogado... irá chegar - disse, esvaziando outra vez a xícara de chá.

Seu olhar, antes alegre, tornou-se grave.

- Acho que podemos conversar mais um pouco, não é mesmo?

Ela encheu a xícara de novo, como se fosse rotina.

Nenhuma reação, ainda, de parte do policial.

- As pessoas desapareciam, mas isso não importa. O que importa é que *novas pessoas* surgiram para tomar o lugar das primeiras. Você, policial, conhece muito bem estas novas pessoas, não é mesmo?

Nenhuma reação, ainda, de parte do policial.

- Os cientistas e técnicos absorvidos pelo governo trabalhavam, e como nunca. Naturalmente corrompidos por generosos financiamentos e equipamentos avançados concedidos pelo governo, e pela ingenuidade típica dos especialistas, os sábios desenvolveram ao longo dos anos os estudos que resultariam na engrenagem que hoje move o Sistema Penal: *a Força Policial...* que há vinte anos vem combatendo o crime pelas ruas das cidades de nosso país. *Você*, policial, faz parte desta engrenagem - uma engrenagem concebida a partir de *clones* de uma única pessoa.

"Desenvolvidos e aperfeiçoados continuamente, junto com os próprios equipamentos que utilizavam, os novos policiais, clones como você, passaram a tomar conta das ruas. Assumindo pouco a pouco as tarefas delegadas aos antigos policiais, o novo grupamento demonstrou uma eficiência ímpar, que só poderia ser comparada ao segredo ímpar que era mantido quanto à procedência de indivíduos tão absolutamente capazes. O crime no país era punido com rapidez, severidade e justiça inigualáveis. Surgiram os julgamentos-relâmpago, e sentenças imediatas passaram a ser promulgadas por juizes-policiais. A antiga, ineficiente e inescrupulosa classe policial deixou de existir, e levou consigo a ainda mais antiga, mais ineficiente e muito mais inescrupulosa classe judiciária. O povo, como não podia deixar de ser, aplaudiu mais este novo passo na cruzada do poder público contra o já quase inexistente poder paralelo exercido pelo crime.

"Não levou muito tempo para que o rigor da nova força policial batesse de frente com as poucas instituições que ainda ofereciam alguma resistência ao governo. Religiões e cultos foram os próximos a cair, junto com os meios de comunicação privados, mesmo os que parecessem ter um posicionamento favorável ao governo. A palavra pública, tanto quanto a palavra de Deus, eram armas que poderiam vir a ser perigosas para a sociedade...

A mulher parou de falar.

Parecia que as forças lhe faltavam, e ela respirou fundo mais uma vez, e olhou para o alto.

- Religiões inteiras, milenares, reduzidas à meros grupelhos de oração, em que seqüências de palavras decoradas, sem significado, são balbuciadas repetitivamente... monotonamente. Todo um sistema de entretenimento e comunicação contraído pelo poder público de uns poucos, e transformado em umas poucas vozes, melodias, programas e jogos sem sentido. Uma nação inteira, um povo inteiro... quase três gerações de pessoas, quase três gerações sem cultura e sem memória, sem passado, sem futuro... tudo em nome da paz...

Uma lágrima rolou de um dos olhos da mulher, que fechou-os em seguida, e tornou a baixar o rosto, abrindo-os, e dando de cara com o policial.

- A-acho que... eu não preciso entrar em detalhes sobre o que está acontecendo no resto do mundo, por causa dessa tão almejada paz que nossa nação conquistou.

A mulher se levantou, um pouco desequilibrada, e caminhou devagar, dando a volta em torno da mesinha que separava as duas poltronas.

Aproximando-se do policial, ela se agachou e pegou a mão esquerda deste, ainda posicionada sobre a arma pequena no coldre. Removeu a luva negra de

couro sintético, e apoiou os dedos sobre a pele macia do pulso inerte, enquanto olhava o relógio pendurado em seu próprio pulso.

Nenhuma pressão arterial.

Duas horas em ponto. O advogado logo chegaria.

A *pasta* havia funcionado.

Assim como o chá.

- O resto do mundo está em guerra contra a nação mais poderosa que já existiu na face da terra - nossa nação. Uma nação que fabrica clones de supersoldados - seres humanos sem mente - em linhas de montagem, e os envia para a guerra. Uma nação dominada por políticos saídos de tubos de ensaio, cujos planos, *cuja vida* não passa de uma duplicata da vida dos que iniciaram tudo isso, a Quarentena, o Sistema Penal... tudo. Uma nação temida pelo resto do mundo, e que vem tomando posse do resto do mundo, destruindo outras tantas civilizações e culturas... em nome da paz.

"Uma nação doente de tantas curas, corrompida por ambições desumanas..."

"Uma nação que deve sucumbir."

A mulher conhecida como Raiz passou a tatear o capacete negro do policial inerte. Dedos finos e compridos vasculharam as orlas internas, até que um clique se fez ouvir, e a presilha que prendia o capacete na cabeça do soldado se abriu.

Fazendo força, ela puxou o capacete, fazendo surgir um rosto.

- Eu sabia...

Um rosto de mulher.

Um rosto *igual ao seu*.

- Desativar todas as comunicações - disse a mulher ao capacete. O tom de voz idêntico ao da policial morta foi imediatamente captado pelos mecanismos internos de reconhecimento vocal, fazendo luzes piscarem no visor... - desligar sistemas.

Depois de fazer alguns zumbidos que só podiam ser ouvidos devido ao silêncio que emudecia o ambiente, o capacete finalmente deixou de funcionar.

A mulher conhecida como Raiz se ergueu e deu alguns passos, largando o capacete negro sobre a poltrona onde antes estivera sentada.

Virou-se para observar novamente a policial morta.

A pasta branca, inocente feito um creme dental, feita a partir de essências aromáticas extraídas de plantas e flores geneticamente modificadas - *clones de plantas* - tornava-se um sonífero extremamente eficaz quando em contato com o ar, com efeitos relaxantes que podiam ser sentidos em segundos.

A exposição contínua aos vapores exalados pelo composto induzia ao sono. Mais tarde, os efeitos passariam a incluir perda de reação corporal a estímulos externos, bloqueio dos sentidos, tato, audição, paladar, etc., algo semelhante ao que ocorria quando sedativos fortes eram usados. Gradativamente, após uma superexposição ao produto, ocorreriam falhas nos estímulos nervosos internos, que em casos extremos poderiam gerar paradas respiratórias ou cardíacas, e mesmo induzir ao coma cerebral.

Duas horas de exposição aos aromas oriundos de *dez* daquelas pastas, escondidas há mais de *quatro horas* em pontos estratégicos debaixo das velhas tábuas do assoalho, cheias de frestas e passagens de ar aleatoriamente criadas e distribuídas pelo decurso dos anos... Bem, *uma única hora* de exposição aos aromas oriundos de *dez* daquelas pastas seria mais do que suficiente para matar um boi adulto.

Duas horas talvez fossem suficientes para matar um elefante.

Estranhamente, entretanto, a ingestão da tal pasta por via oral não causava mal algum ao organismo...

A mulher, atenta aos efeitos nocivos dos vapores, pegou a xícara vazia e encheu-a mais uma vez com o chá ainda quente do grande bule de cerâmica, decorado com desenhos de plantas.

O antídoto.

Ela, a Raiz, também estaria morta, caso não tivesse passado a tarde inteira ingerindo aquele outro composto. Uma infusão revigorante, feita também de uma mistura de tantas outras plantas e ervas geneticamente modificadas - *clones de plantas* - apresentando, contudo, efeitos diametralmente opostos aos da pasta sonífera.

O chá, de aparência ainda mais inocente do que a pasta, servia não apenas como um estimulante. Muitas das substâncias que o líquido produzia, ao ser preparado, serviam justamente para combater os efeitos da pasta, destruindo a nível molecular algumas das toxinas que esta gerava.

O que restava era uma sonolência leve, quase como um desânimo. E um certo mal estar... Uma aparente necessidade de se respirar ar puro.

Curtas madeixas de cabelo dourado, claríssimo, escorriam desgrenhadas da cabeça da policial. Era uma bela mulher, de rosto bastante atraente, olhos fechados afastados um do outro, sobrancelhas finas, nariz arrebitado e fino, boca carnuda, tez pálida em decorrência ao *rigor mortis*...

Uma bela mulher, assim como era a mulher que a observava, a criminosa, que agora se olhava em um espelho que pendia de uma das paredes, e via também ali um rosto bastante atraente, olhos abertos afastados um do outro, sobrancelhas finas e arqueadas em um tom de tristeza, nariz arrebitado e fino, boca carnuda, tez pálida devido aos efeitos do chá somados aos da pasta... e ao desânimo de ver a si mesma, uma parte de si mesma, morta sobre a poltrona.

A única diferença que havia entre as duas mulheres, a viva e a morta, parecia ser o cabelo, que na primeira era liso e curto, e tinha cor de cobre.

Passos se fizeram ouvir.

Alguém entrou na sala. Uma, duas, três pessoas.

- Tudo bem com você? - alguém perguntou, com uma voz igual a da mulher que olhava o próprio reflexo no espelho.

- Sim... - respondeu a Raiz, maquinalmente.

Passos atravessando o aposento.

- Não tem pulso. Está morta - disse outra voz igual à sua, vinda de um outro local da sala escura. - Você, venha aqui e ajude-me a remover o uniforme.

- Certo - respondeu a voz da terceira pessoa, que também era igual à voz da mulher que era conhecida como Raiz.

- Os equipamentos da policial foram corretamente desligados? - perguntou a segunda voz. - Você disse os comandos certos ao capacete?

- Sim... - respondeu a mulher que continuava a olhar seu próprio reflexo no espelho. - Os comandos... certos.

Tiras de couro foram afrouxadas; presilhas e fivelas de metal abriram suas mandíbulas, soltando o couro. Dispositivos foram desativados. Zíperes eram puxados juntos. Botões de pressão estalando em um só clique ao serem soltos praticamente todos juntos. Cordões foram desamarrados de modo idêntico por dois pares de mãos revestidas por luvas também idênticas, escuras com linhas claras.

- Ela não parece estar muito bem - a primeira das três vozes declarou, e uma mão tocou seu pescoço. - A pulsação... parece lenta.

- É óbvio que ela não está muito bem - disse a segunda voz. - Dez doses *da pasta* podem derrubar qualquer um, mesmo com o antídoto.

- Você não quer descansar... sentar um pouco? - perguntou a primeira voz, a mais gentil das três vozes.

A mulher conhecida como Raiz elevou a mão em resposta, fazendo sinal que estava tudo bem, e que ela poderia se virar sozinha.

- Não deveríamos remover a pasta desta sala? - inquiriu a terceira voz, que parecia ser a voz mais calma de todas.

- Faremos isso. Mas antes temos outras prioridades - declarou a segunda das três vozes, que era também a mais autoritária; uma voz de comando. - Obter o *uniforme* é o objetivo principal de nossa missão. Ei, você! Leve-a para fora, e depois volte aqui e comece a recolher e embalar *a pasta*.

- Sim, senhora! - disse a primeira voz.

Mãos gentis voltaram a tocar os ombros da mulher conhecida como Raiz.

Virando-se, ela deixou de olhar seu reflexo no espelho, e acabou vendo seu reflexo outra vez, em formato mais real, vivo, diante de si.

Seus olhos lacrimejavam sem parar.

- Meu Deus... Você não está nada bem - disse-lhe a mulher que a amparava, segurando-a gentilmente pelos ombros. - Vamos lá fora... Você precisa de ar puro.

- Ela... ela... ela era *uma de nós*... a policial...

- Não, não - a mulher de voz gentil e cabelos um pouco mais escuros que os seus abraçou-a. - Você está enganada.

- NÃO! Eu NÃO estou... Essas pessoas, as policiais... elas são TODAS iguais a nós!

- Mas que MERDA! - berrou a mulher de voz autoritária e cabelo curto, raspado, cor-de-palha. - Leve-a para fora de uma vez! Ainda não consigo entender por que uma múmia feito ela foi escolhida para levar a cabo esta missão...

- Eu tenho certeza que, se tivesse sido outra de nós, os resultados não teriam sido tão positivos - comentou a terceira mulher, que possuía uma voz calma e longos cabelos ondulados, castanho-escuros. - Você sabe muito bem que ela é *a mais humana* de todas nós...

- Sei... *"a única que seria capaz de se passar por uma pessoa normal"*... e toda aquela ladainha de sempre. Você *sabe muito bem* o que eu penso a respeito disso tudo.

- Sim, sei... Eu sei *muito bem* que você adoraria entrar na delegacia mais próxima e mandar tudo pelos ares...

- E duvido que isso não seja o melhor a ser feito.

- *Seria* o melhor a ser feito caso não houvesse cem mil policiais para cada uma de nós...

E a conversa prosseguiu entre as donas da segunda e da terceira vozes.

- Vamos, querida... - disse a dona da primeira voz, gentil, afrouxando o abraço em torno de sua irmã gêmea. - Você sempre foi mesmo a mais humana de todas nós.

E as duas mulheres saíram.

Do lado de fora da casa, o ar puro chegava ao ponto de ser palpável, e o verde radiante das plantas iluminava a vista.

As duas mulheres de faces iguais respiraram fundo.

- Ah, ar puro! - disse a mulher de voz gentil. - Tenho certeza que você ficará bem.

A mulher conhecida como Raiz enxugou as últimas lágrimas, e virou-se para a outra.

- Obrigada.

- Viu! Já está recuperada - sorriu a outra.

- A-acho que... sim.

- Bem. É melhor que eu volte e recolha a *pasta*... - a mulher de voz gentil fez menção de retornar ao interior da casa, mas a outra a deteve, segurando-a pelo braço.

- Espere... espere um pouco. Quero saber... por que eu tive de ser a escolhida? Por que *justo eu sou "a mais humana de todas nós"*? Não somos todas... humanas?

A mulher de voz gentil se virou de volta, e tornou a abraçar sua irmã gêmea.

- Você sabe... que não somos... exatamente... humanas - foi dizendo ela, devagar.

- É mentira! - protestou a outra. - Mesmo as policiais, são todas humanas! Você não... não viu ela, lá dentro? Era uma pessoa normal...

- Calma, querida. Vamos sentar.

A mulher de voz gentil afrouxou de novo o abraço, e ambas sentaram no único degrau da pequena sacada.

- Somos humanas, mas não exatamente como os humanos. Não... nascemos como os humanos normais nascem. Você sabe disso, não sabe?

- Mas, por que tem que ser assim? Por que não nascemos como as pessoas normais? Por que temos de sair... de tubos de ensaio e máquinas... em laboratórios?

A mulher conhecida como Raiz começou a chorar de novo.

- Eu tenho certeza que você também conhece a resposta para essa pergunta.

- Sim. Eu sei que... que somos clones uma da outra, e as policiais também são clones, e por isso somos todas idênticas. E eu sei também que muitas de nós já nascem adultas, e que há milhares... *centenas de milhares* de pessoas como nós, e que existem até mesmo versões masculinas... Mas, não é isso o que eu queria saber...

- Sim.

- Eu... eu não entendo por que *tem* que ser assim. Por que tem que ser... tão injusto?

A mulher de voz gentil permaneceu em silêncio por algum tempo.

- Eu não sei responder esta pergunta... - disse, olhando para longe. - Mas eu sei que, de todas nós, você foi a primeira a ser concebida. Você é a única de nós que teve a chance de conviver com a *verdadeira Raiz*, décadas atrás...

Uma pausa.

- Acho que é por isso que você é tão importante. Apesar de ser tão velha, você continua agindo como foi ensinada a agir pela nossa Raiz humana. As mutações e experiências feitas em seu corpo e nos corpos das outras cópias originais de nossa mãe humana nos transformaram em criaturas quase imortais. Destas cópias originais, viemos todas nós... Eu... eu não sei explicar... Sou uma confortadora, uma enfermeira, e não sei explicar muita coisa. Fui criada para curar outras pessoas, e dizer coisas agradáveis, transmitir ânimo e empatia aos outros, enquanto outras de nós foram criadas para se manterem impassíveis, ou para comandar, ou mesmo para obedecer e se sacrificar cegamente em nome de um objetivo... As próprias policiais foram criadas dessa maneira. E agora que temos mais um uniforme, conseguiremos infiltrar mais uma de nós nas forças policiais, para descobrir mais informações e tentar impedir que a destruição da raça humana prossiga, como fomos ensinadas a fazer.

A mulher de voz gentil deu de ombros.

- Eu acho, tentando responder à sua primeira pergunta, que você é a única das cópias originais que restou, e por ser praticamente humana é que foi escolhida para ser a *nova* Raiz. Porém, eu não sei explicar se as coisas...

- Sua IMPRESTÁVEL! - disse um vulto furioso junto à porta. A mulher forte, de cabelo curto e voz de comando... - Eu lembro de ter ORDENADO que as pastas fossem removidas! Quer que a gente morra que nem aquela MALDITA policial?

A mulher de voz gentil se levantou de imediato. - Sim, senhora!

- Porcaria! Médicas e civis... Eu fico imaginando QUEM são as miseráveis que destacam inúteis desse tipo para missões militares sérias...

A mulher de voz autoritária voltou para o interior da casa, fazendo sinais negativos com a cabeça e gesticulando muito.

A mulher conhecida como a Raiz observou enquanto sua irmã de voz gentil caminhava para dentro da casa, virando-se para ela antes de entrar.

- Não sei explicar se as coisas são justas ou não. Acho que quem tem as explicações são os humanos... e você, que é *quase* humana.

Dito isto, ela sorriu como sempre fazia, deu de ombros outra vez, e sumiu dentro da casa.

O tempo passava. Uma brisa agradável soprava, movimentando as folhas das plantas, muitas das quais versões clonadas, melhorias genéticas extraídas de si mesmas.

Casas de tijolos se viam por perto, e prédios de concreto e vidro, e clones de prédios de concreto e vidro, e clones de clones de prédios de concreto e vidro surgiam imponentes ao longe.

A mulher conhecida como Raiz, a nova Raiz... a criatura criada em laboratório que estava mais próxima do que poderia ser considerado uma pessoa humana verdadeira, criada por Deus ou pela evolução... A mais humana de todas as clones pensava, e refletia, e respirava, sentindo os efeitos atordoantes de veneno e antídoto, somados, se desfazendo.

Lembrava-se de coisas que tinham acontecido em seu passado.

Lembrava-se da verdadeira Raiz. A mulher humana, que há mais de uma centena de anos havia ingenuamente se voluntariado e servido como cobaia para que os primeiros estudos visando produzir seres humanos artificiais em escala tivessem andamento.

A bela mulher, dita por uns a mais bela entre as mulheres, que servira de matriz para que tantas outras belas mulheres fossem produzidas. Tantas, centenas

de milhares de belíssimas mulheres, desenvolvidas umas para curar e confortar, outras para descobrir e espionar, algumas para colocar as coisas em ordem, ou para cumprir ordens cegamente... para dar a vida por uma causa, ou para tirar a vida de quem quer que se aproxime.

E ela própria, que parecia ter sido criada tão somente para ser humana.

Uma humana artificial em um mundo onde a tendência era que houvesse cada vez menos humanos naturais.

Quis chorar de novo, por não se considerar humana suficiente. A verdadeira Raiz, falecida há décadas, esta sim era uma humana de verdade, em um tempo em que o mundo era um mundo de verdade, e que vidas artificiais não eram vistas corriqueiramente nas ruas.

A nova Raiz se lembrou da missão que movia todas as suas irmãs, poucas se em comparação aos infinitos contingentes de outras suas irmãs, policiais de olhar fixo e soldados de mente vazia:

Restaurar o mundo.

Purificar o mundo da maldição dos artífices do governo, que estavam substituindo em larga escala a humanidade por seus clones de olhos fixos e mentes vazias.

Tornar o mundo novamente em um mundo humano.

Essa era a missão que humanos, seus criadores no passado, e agora seus tutores, seus mestres, tinham lhe confiado.

Os poucos humanos geniais que tinham restado. Os poucos que lutavam em prol da manutenção da cultura, da ciência, *da vida* humana.

Os poucos rebeldes que não tinham sido sufocados pela política repressora de um governo centenário, que usava fôrmas e tecnologia para recriar continuamente a si mesmo. Um governo de zumbis, que lutava contra todas as outras nações da Terra para implantar sua política de vida artificial total... de paz artificial pelo mundo inteiro.

Os rebeldes eram a última luz que restava para a humanidade.

E ela, *uma clone*, queria ser uma deles. Estava escrito em seus genes que devia ajudá-los.

...

É ERA O QUE FARIA!

Levantou-se.

Respirou fundo. Uma, duas, três vezes.

O desânimo artificial, veneno e antídoto, passava, conforme a confiança natural do oxigênio penetrava em seus pulmões.

Sim. Havia muito a ser feito.

O uniforme policial serviria para infiltrar mais uma de suas irmãs revolucionárias na força policial. Em breve seriam dezenas de espãs, e a seguir centenas... E em seguida, as infiltrações ocorreriam no exército de belas mulheres assassinas criado pelo governo. Existia mesmo a possibilidade de uma das agentes se infiltrar no próprio governo.

Pois eram todas iguais.

E todas seguiam à risca os objetivos registrados em seu genes.

Ela era a Raiz, a mais humana de todas as criaturas artificiais.

Ela queria ser humana, e viver em um mundo de humanos.

E conseguiria isto, custasse o que custasse.

Custasse o que ...

Súbito, a mulher se deu conta de uma coisa.

Algo estava errado.

Sim, algo estava *muito* errado!

Ela arregalou os olhos, e correu para dentro da casa, quase esbarrando nas suas três irmãs, que deixavam o local, uma delas vestida com o mesmo uniforme da policial morta, as outras duas carregando o corpo inanimado daquela irmã-inimiga.

As duas horas tinham passado. Comunicações cifradas tinham sido recebidas pelo telefone, de parte *do advogado*, ele próprio uma pessoa fictícia, declarando estar o bairro inteiro livre de qualquer interferência das forças da lei.

"Não poderei comparecer à audiência. Caso a representante da força policial concorde, poderemos realizar esta audiência em meu escritório."

A representante da força policial concordava. Quem cala, consente.

"Ótimo. Estarei livre durante as três próximas horas."

Três horas de liberdade de ação, totalizando cinco dentre as oito horas que o código MMP-042958 colocava à disposição do réu e de seu advogado. Depois de transcorrido este tempo, a força policial agiria sem hesitar.

Três horas eram mais do que o suficiente para remanejar a policial morta, substituindo-a por uma das integrantes do grupo de resistência e dando cabo de seu corpo.

A missão fora um sucesso.

A mulher de voz autoritária viu aquela sua irmã tão humana correndo para dentro da casa, e achou estranho.

- Ei! Aonde ela vai? - perguntou.

- Não tenho muita certeza - disse a mulher de voz gentil. - Mas acho que ela foi ao banheiro.

- Ao banheiro?

- É claro! - sorriu a mulher de voz calma, vestida com a farda da policial morta.

"E tenho certeza que, com todo o chá que tomou, ela vai ficar lá por um bom tempo..."

Sim. A missão fora um sucesso.

<http://www.magicjebb.com.br>